



# Dois estudos sobre a imprensa da cidade do Rio Grande: textos e imagens

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

111



UNIVERSIDADE  
**ABERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2023





# Dois estudos sobre a imprensa da cidade do Rio Grande: textos e imagens



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE

- 111 -



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# Dois estudos sobre a imprensa da cidade do Rio Grande: textos e imagens



**CIPSH**  
INTERNATIONAL COUNCIL OF PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES  
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2025

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: Dois estudos sobre a imprensa da cidade do Rio Grande: textos e imagens
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 111
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2025

ISBN - 978-65-5306-067-8

**CAPA:** MARUI. Rio Grande, 26 fev. 1882.

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.



# SUMÁRIO

**Representações zoomórficas na imprensa rio-grandina: as caricaturas do *Maruí* / 11**

**A Coluna da Liberdade: arte monumental e imprensa na cidade do Rio Grande (registros textuais e imagéticos) / 71**



## Representações zoomórficas na imprensa rio-grandina: as caricaturas do *Maruí*

Nas décadas finais do século XIX, a cidade do Rio Grande contou com uma imprensa numerosa e de qualidade, podendo ser considerado que na comuna portuária se praticou um jornalismo de ponta para os padrões da época, levando em conta as principais localidades do Brasil. Em tal quadro, circularam periódicos de variados gêneros, dentre os quais as publicações ilustradas, com o enfoque editorial voltado predominantemente ao humor, como foi o caso do semanário *Maruí*. Essa denominação vincula-se ao termo “maruí”, ou “maruim”, referindo-se a um inseto díptero da família dos Quironomídeos. Assim, a exemplo de outros hebdomadários que adotaram denominações de insetos, o nome *Maruí* revelava as intenções do semanário, executando, analogicamente, as atitudes de um mosquito, ou seja, “picar”, “produzir ardor ou comichão”, promovendo intensa agitação na sociedade da urbe portuária<sup>1</sup>.

O *Maruí* circulou de 1880 a 1882, seguindo os padrões das folhas caricatas da época, possuindo oito

---

<sup>1</sup> ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 194-195.

páginas, divididas meio a meio entre textos e desenhos. Em seu frontispício, apresentava-se como “periódico ilustrado, satírico e recreativo”. Sua impressão era realizada em tipografia/litografia própria e o custo de sua assinatura variou de 14\$000 ao ano; 7\$500 ao semestre; e 4\$000 ao trimestre, passando posteriormente para 16\$000 (ano); 9\$000 (semestre) e 5\$000 (trimestre). Com suas edições semanais saindo aos domingos, o *Maruí* ofereceu ao povo rio-grandino muitas páginas de sátira, bastante apreciáveis e, em diversas ocasiões, foi feliz na animação de seus bonecos postos em movimento com graça e oportunidade<sup>2</sup>.

O programa da folha rio-grandina dedicada à arte caricatural foi apresentado na forma de versos e fazia referência ao inseto que lhe dava o título para expressar seu norte editorial:

O meu programa defini-o  
Sem rodeios, francamente:  
Pretendo ver se enriqueço  
Trabalhando honestamente.

Às donzelas rio-grandenses  
Venho pedir proteção,  
Sabendo que elas possuem  
Um sensível coração.

Abri, pois, as vossas bolsas  
Ao travesso *Maruí*,  
Se estiverem recheadas  
Não sairei mais daqui!

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 342-343.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Eu sou um pequeno inseto  
Ligeiro, alegre e táful,  
A volitar buliçoso  
Por estas plagas do sul!

Tranquilizai-vos, leitoras,  
Não tem veneno o ferrão,  
Posso, pois, em vossos rostos  
Ir dar um leve chupão!

Não vou manchar minhas asas  
Pelo lodo dos pauis,  
Desprendo o voo ligeiro  
Só nos espaços azuis!

Vossas bolsas sejam flores  
Em que chupe o *Maruí*;  
Se vossos risos brotarem  
Não hei de siar daqui!

Não irei aos aposentos  
Das esposas recatadas,  
Ferir alheios melindres  
Com grosseiras assoadas.

A vós também mocidade  
Dos clubes carnavalescos,  
Que alegrais a sociedade  
Com vossos ditos burlescos;

Que desfraldais sempre às auras  
O garboso pavilhão,  
Pedimos o vosso auxílio  
Sem reçar um *carão*!

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Imprensa da minha terra,  
Forte, ousada paladina  
Que pregais os vossos programas  
Em toda e qualquer esquina;

E vós também, ó sectários  
Da chinesa emigração,  
Sineiros, padres, marujos  
E Jacinto garrafão;

Atendei: abri as portas  
Ao zunidor *Maruí*,  
Que vos dará mais prazeres  
Que a cachaça Parati!

Se por acaso, indiscreto  
For pousar num toucador,  
Não tende susto, leitoras,  
Não faço intrigas de amor!

Alegre como as crianças,  
Franco, honesto e folgazão,  
Quero abrir as minhas asas  
Ao quente sol do verão!

Gozar a vida, que é breve,  
Sempre a rir, sempre a brincar,  
Desprezando vãs tristezas  
Num constante volitar!

Se me dais algumas *notas*  
Conto pilhérias a mil;  
(Mas essa *notas* que sejam  
Do tesouro do Brasil)!

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Eis o meu programa  
Variado, apetitoso!...  
E sem mais, caros fregueses,  
Eu me despeço saudoso!<sup>3</sup>

Na prática de um jornalismo profundamente crítico-opinativo, o *Maruí* lançou mão de textos e imagens prenhes em ironia, sarcasmo e jocosidade. Por meio da arte caricatural foi ao encontro da perspectiva pela qual um feliz traço de lápis vale muitas vezes mais que um estirado artigo de fundo<sup>4</sup>, de modo que as imagens tornavam-se mais expressivas que a palavra escrita, contendo mais ideias em menos espaço e comunicando-as mais depressa<sup>5</sup>. A caricatura constitui um traço, desenho, gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica<sup>6</sup>, trazendo consigo o caráter de uma reportagem gráfica, abrangendo do traço de humor ao desenho que documenta um fato, lançando as publicações em um amplo campo de notoriedade e popularidade<sup>7</sup>.

Tal arte exercia uma função relevante, ao tornar a notícia mais atraente, além de popularizar as feições das

---

<sup>3</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 4 jan. 1880, p. 2.

<sup>4</sup> FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917, tomo 80, p. 587-589, 607 e 609.

<sup>5</sup> MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012. p. 24.

<sup>6</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63.

<sup>7</sup> BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 123.

principais personalidades de cada época<sup>8</sup>. Ela constituiu um recurso poderoso que educava, fazia rir, enfeitava e potencializava as ações da imprensa<sup>9</sup>, além de apresentar uma fusão entre a paródia e a ironia, em uma composição instável, carregada de todas as espécies de incertezas<sup>10</sup>. Como decisivo instrumento de ataque, a caricatura integrou-se crescentemente em sua função de corrigir costumes, pondo à mostra, de modo implacável, a falhas dos poderosos e dos fátuos<sup>11</sup>, abarcando em seu conteúdo uma contribuição fundamental para o debate, servindo para desmistificar o poder e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado<sup>12</sup>.

A partir de uma abordagem iconográfica e iconológica<sup>13</sup>, o periodismo humorístico exerceu uma incursão ao mundo dos valores simbólicos, uma vez que no universo retratado pela caricatura, o simbolismo se crava no natural e se crava no histórico, bem como participa do racional. Desse modo, o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade, estando ao mesmo tempo cheio de interstícios e de graus de liberdade, refletindo direta ou

---

<sup>8</sup> LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. p. 12.

<sup>9</sup> MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 29.

<sup>10</sup> MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 546.

<sup>11</sup> TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976. p. 8.

<sup>12</sup> BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

<sup>13</sup> PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 47-49, 53-54 e 62-64.

indiretamente características do *modus vivendi* de um determinado grupo humano<sup>14</sup>. Nessa linha, para o caricaturista, o sentido mágico das coisas impera, predominando a subjetividade na visão que tem dos indivíduos, à medida que ele idealiza o panorama e, depois, vagarosamente, constrói o seu mundo, todo seu, simbolicamente seu<sup>15</sup>. No campo da simbologia, uma das estratégias que o *Maruí* utilizou recorrentemente foi a do zoomorfismo. Tal representação vinha ao encontro da perspectiva pela qual, em todas as culturas, o uso da simbologia animal é um aspecto essencial nas reflexões sobre a natureza do ser humano, das características dos indivíduos e de suas sociedades, do mundo circunstante e de suas forças, e do cosmos como um todo<sup>16</sup>.

O próprio inseto que servia para dar título ao *Maruí* foi uma das presenças zoomórficas expressas pelo periódico. O mosquito é símbolo da agressividade, o qual procura obstinadamente violar a vida íntima de sua vítima<sup>17</sup>. O bobo da corte que servia para representar a redação do semanário aparecia interagindo com os insetos, afirmando que se chamava “*Maruí*, filho das brenhas do sertão... Tenho de apresentar-me desta forma

---

<sup>14</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 152-153.

<sup>15</sup> SOUZA, José Antônio Soares de. Um caricaturista brasileiro no Rio da Prata. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 227. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955. p. 4-5.

<sup>16</sup> WALENS, Stanley. Animais. In: ELIADE, Mircea & COULIANO, Idan Petru (orgs). *Dicionário de símbolos*. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 45.

<sup>17</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 623.

para lidar com gente da cidade...”; e, ao referir-se aos maruís, que lhe cercavam, considerava que eles serviram para empreender a captação de notícias para o jornal, ou seja, eram “matutos estes meus repórteres: *rezingam* e *mordem*”. Nessa linha recomendava que não se fizesse “caso, deve-se-lhes dar o devido desconto.”; vindo a conclamá-los: “Andem... andem... Vão à cata das notícias. Nada de indagar da vida privada. O público que lhe agrade.” Outro representante da imprensa ilustrada e humorística, também apresentado como o bobo da corte, sofria com a ação dos mosquitos emissários do *Maruí*, com a expressão de uma sentença ameaçadora: “Não fica impune quem nos invade as atribuições, alardeando sem prévia licença o nosso aparecimento”, o que seria “o mesmo que dizer - mexeu com a colmeia e viu o resultado”<sup>18</sup>.

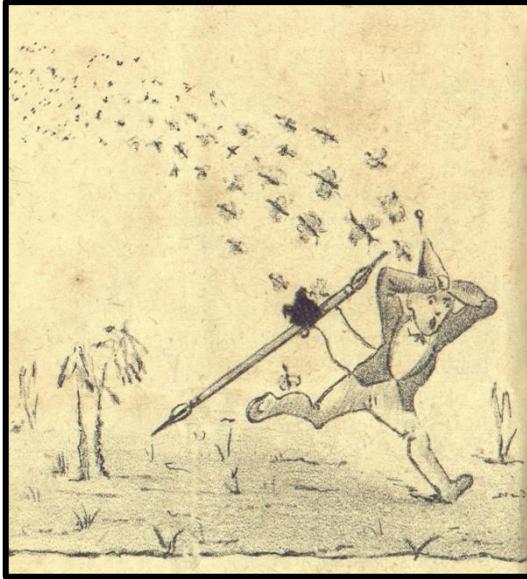


<sup>18</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 4 jan. 1880, p. 4 e 8.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Um indivíduo metamorfoseado em figura bovina, com cabeça de animal e corpo humano, encontrava o bobo da corte, que o interpelava. O boi é símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício<sup>19</sup>, bem como de sofrimento e paciência<sup>20</sup>, chegando a beirar a passividade. Nesse quadro, a representação da redação do *Maruí*, dizia: “Agora o bordo é teu e se o vento continua a favorecer-te hás de valer mais do que as vacas do faraó... Entretanto o povo aperta a barriga”<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 137.

<sup>20</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 123.

<sup>21</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 11 jan. 1880, p. 5.



A imagem do quadrúpede conhecido como asno, burro ou jumento foi outra presença constante nas páginas do hebdomadário rio-grandino. Tal animal é símbolo da ignorância e emblema da obscuridade e até mesmo das tendências satânicas, trazendo consigo a libido, o elemento instintivo do homem, em uma vida que se desenrola inteiramente no plano terrestre e sensual, no qual a matéria escapa à submissão do espírito<sup>22</sup>. Em termos figurados, o burro e suas denominações congêneres também traz por significado a sinonímia de parvo e ignorante.

---

<sup>22</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 93.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Os colegas de jornalismo foram alvos constantes desse tipo de representação zoomórfica, nas indicações de uma possível falta de inteligência. Assim o bobo da corte dizia a outro jornalista, simbolizado pela figura do burro: “Ande para lá, pertences a outra espécie... Em teu último número assim demonstraste-me. Não ideava-te tal propensão.” Em outra caricatura, um escritor público aparecia em um misto de animal e humano, com a constatação de que “Está personificado nesta estampa como símbolo de um grande armazém de pancadas... Coitadinho!...”. Tal personagem teria escrito um artigo no *Diário do Rio Grande*, outro jornal citadino e foi ironicamente caracterizado pela “elegância, o fundo, o tampo, o bojo, o espírito, finalmente o estilo com que escreveu”, patenteando “mais ou menos de uma vez os foros de ilustrado e sapientíssimo literato”, devendo todos curvar-se “ante essa sublimidade das letras no correr dos tempos”<sup>23</sup>.



---

<sup>23</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 18 jan. 1880, p. 4-5.



O personagem anterior, mantendo a imagem zoomórfica, mostrava-se estupefato ao observar a forma como fora representado pelo *Maruí*, havendo a descrição de que “o asno caricato ficou com uma cara!... de quem faz asneiras”. Em seguida, o indivíduo assumia a forma definitiva do burro, saindo a andar pelas ruas: “Deu lugar a que ele de passagem pela porta, se enganasse quanto ao número da casa”. Diante disso, passava a dar coices em vidraças, de modo que “também havia de

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

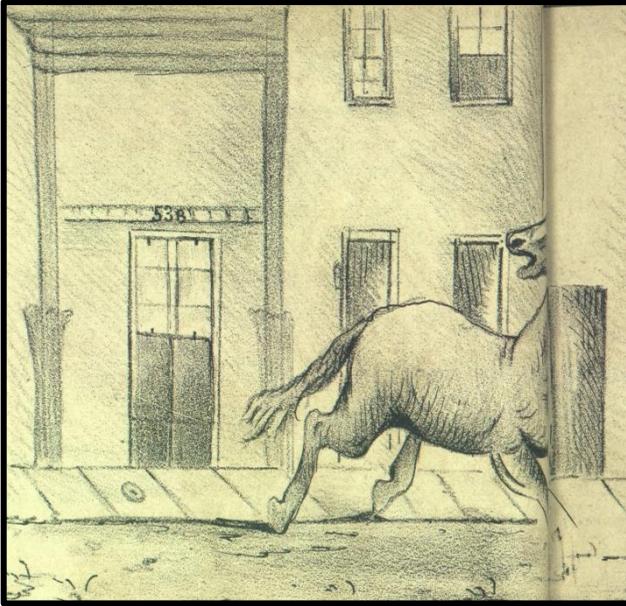
causar algum estrago... nos vidros...”, vindo a entrar nas casas, com a ressalva de que, “a filantropia do Póvoas assegurou-lhe um lugar digno de todas atenções”; até ser colocado sob o controle das rédeas. Ao final a folha destacava: “O venenoso, contrariado nas suas *opiniões*, pretendeu tomar um desforço... O asno não tem nenhuma razão (nenhuma, até perdeu o uso dela...)”<sup>24</sup>.



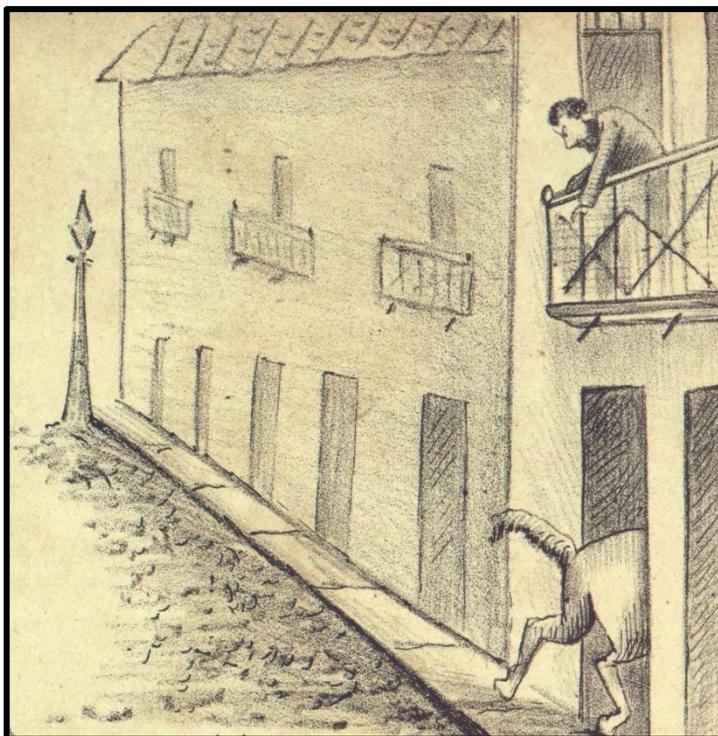
---

<sup>24</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 25 jan. 1880, p. 4-5 e 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Tal representação zoomórfica também se destinou à crítica de costumes, como nas relações entre casais. Foi o caso de indivíduo que, na forma de um jumento, buscava cortejar uma dama, confessando-lhe que ela se tratava de seu “primeiro amor”, sendo desmentido por sua interlocutora<sup>25</sup>. Mais uma vez tratando do jornalismo, a folha intitulada *Correio Mercantil* era apresentada como um burro que fora expulso a chutes, sendo indicado que não haveria interessados na sua leitura, com a legenda: “Pobre besta, ninguém a quer!”<sup>26</sup>.

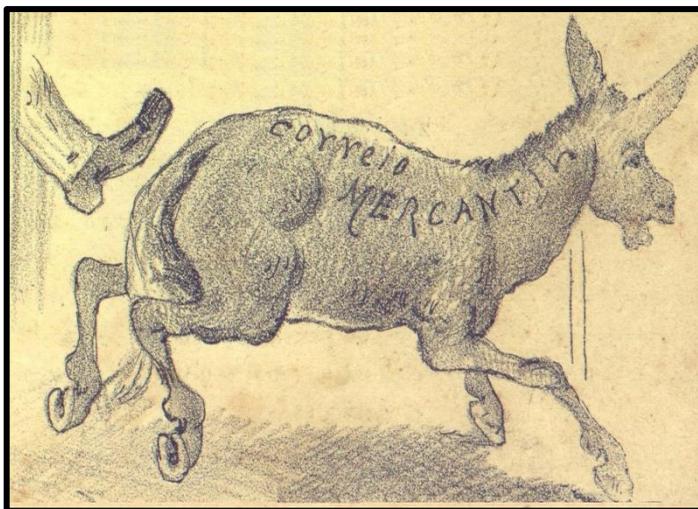


---

<sup>25</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 28 dez. 1880, p. 5.

<sup>26</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 jan. 1881, p. 5.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



As ácidas críticas do *Maruí* não poupavam ninguém, nem mesmo uma autoridade policial, identificada pela cabeça de um burro, em cujas orelhas apareciam ironicamente as expressões “inteligência” e “ilustração”, características incompatíveis com o animal que estava servindo para designar o servidor público, além de também figurar na gravura um punhal, no sentido da violência policial e um saco de dinheiro relacionado à “justiça”, em alusão à venalidade. A legenda mantinha o sentido da denúncia: “Cada um faz o que pode. Aqui lhe trago um escudo para ser colocado na sua secretaria”, contendo “a seguinte inscrição – A população oferece ao subdelegado em sinal de *apreço*”<sup>27</sup>. Um jumento faminto e magro servia para designar os erros de um comerciante local, aparecendo o bobo da

---

<sup>27</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 16 out. 1881, p. 7.

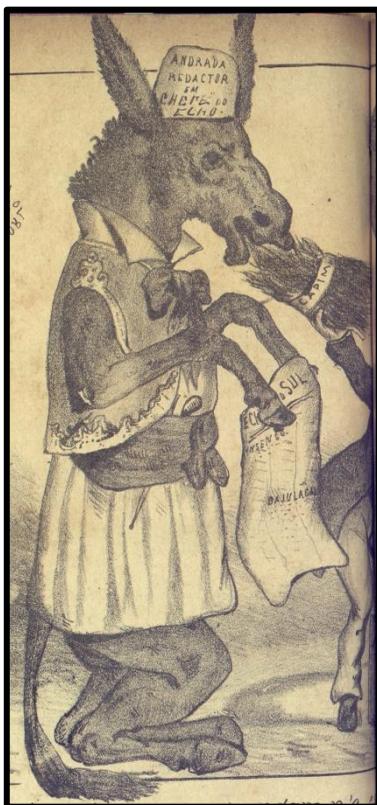
corde para prendê-lo<sup>28</sup>. Também o redator do diário conservador *Eco do Sul*, de faca à cintura e com um exemplar do jornal entre os cascos, foi apresentado como um burro<sup>29</sup>.



<sup>28</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 1º jan. 1882, p. 7.

<sup>29</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 12 fev. 1882, p. 2.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Outro animal recorrentemente utilizado pelo *Maruí* para desqualificar aqueles a quem pretendia direcionar críticas foi o porco. Quase que universalmente, o porco simboliza a comilança, a voracidade, devorando e engolindo tudo o que se apresenta, apresentando ainda o significado das tendências obscuras, sob todas as suas formas, e também da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo<sup>30</sup>. Constitui ainda o símbolo dos desejos impuros, da transformação do superior em inferior e do abismo amoral da perversão<sup>31</sup>.

Sem indicação de nomes, o semanário se referia a outro jornalista, transmutado em uma figura suína, o qual era sentenciado: “debalde, tu pensas... por que serão em vão os teus intentos...”<sup>32</sup>. O periódico também associou o porco ao asno em suas apreciações depreciativas, quanto a outro escritor público, que estaria a receber “qualquer escrito, falando mal das honras das famílias” e “tudo o que se poder imaginar”. Referia-se assim a “um selvagem porco do campo que quer ser inimigo por força de toda gente do *Maruí*”, o qual montava um asno, ou seja, “sentou-se no seu trono de imundície com o fim de insultar a aquelas que não têm cabelinho nas ventas”. O suíno tratava de receber um “freguês” que lhe perguntava quanto custava “pregar uma descompostura ou remendo” em seu jornal, contando com a aquiescência do interlocutor. Ao final, constatava que aquilo “que se podia esperar desse porco

---

<sup>30</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 734.

<sup>31</sup> CIRLOT, 1984, p. 472.

<sup>32</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 25 jan. 1880, p. 8.

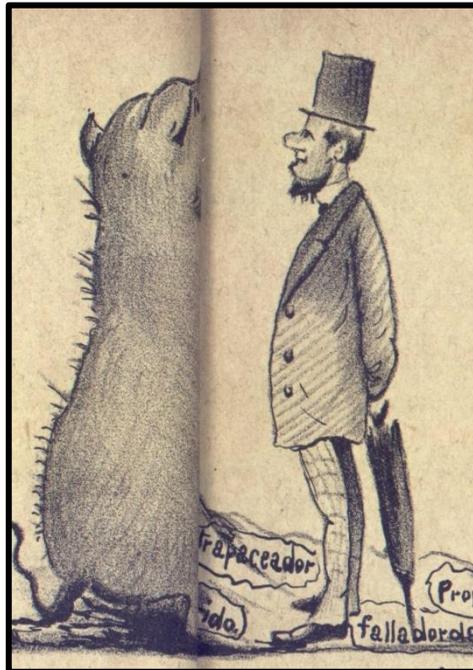
DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

numa questão era meter-se na lama”, uma vez que ele  
“julga que todos se medem pela mesma bitola”<sup>33</sup>.

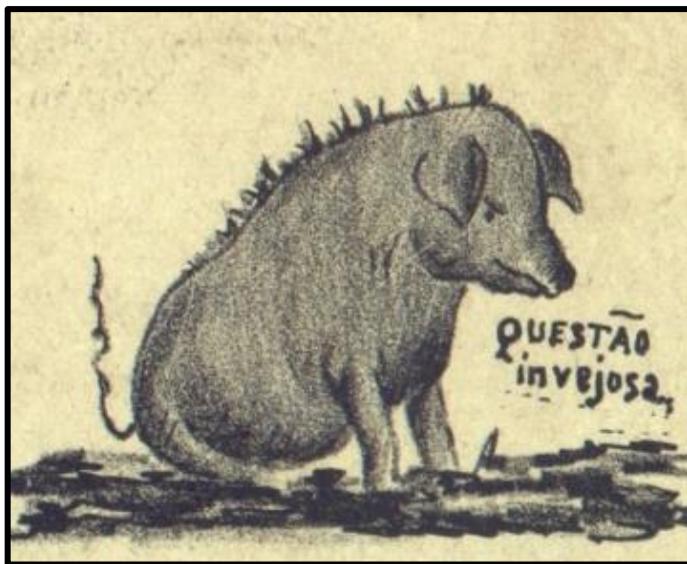


---

<sup>33</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 1º fev. 1880, p. 4-5.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Em pleno carnaval, o periódico caricato mostrava diversos pândegos que representavam os clubes carnavalescos, dentre eles um asno, e os vários integrantes da imprensa, todos fantasiados, um deles metamorfoseado em porco, que se encontrava também vestido de mulher, caracterização que, à época, servia como mais um desqualificativo para o personagem retratado<sup>34</sup>. O ilustrado pelotense *Cabron* foi igualmente simbolizado como um gordo leitão, que abraçava o bobo da corte, o qual, ironicamente, dava-lhe os seus “agradecimentos”, pois o outro teria lhe enchido “de tal forma as medidas, que as fez bordejar”, de modo que ficara “grunhindo de satisfação”<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 15 fev. 1880, p. 4-5.

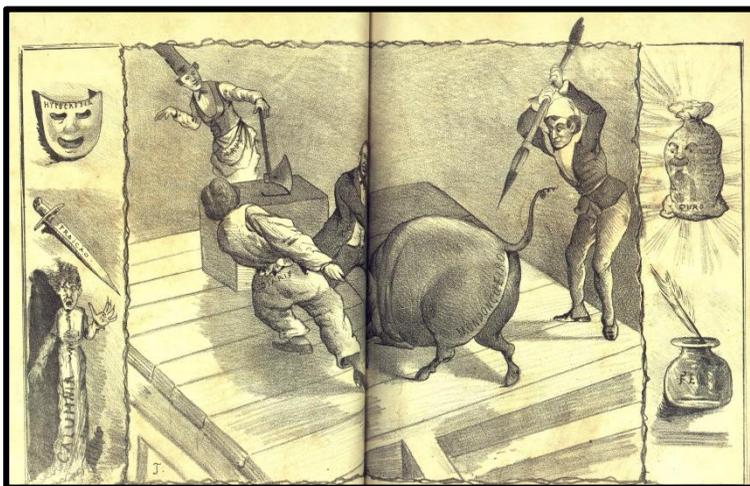
<sup>35</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 15 fev. 1880, p. 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

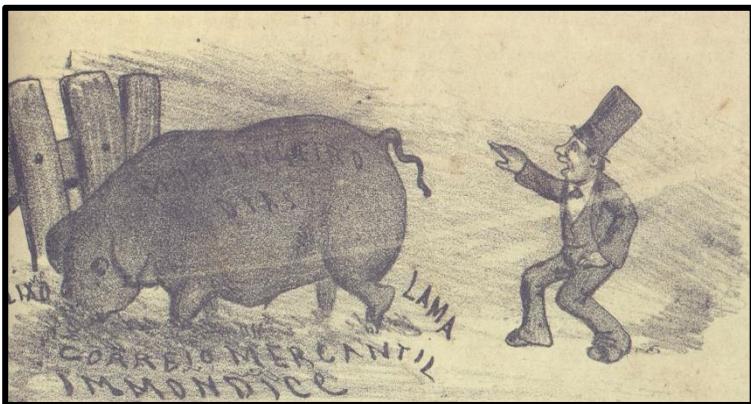
Ainda no campo jornalístico, um escritor público aparecia como um gordo porco, que teria praticado a hipocrisia, a traição e a calúnia, além de ser acusado de venal, por ter vendido sua pena, embebida em fel, a preço de ouro, vindo a ser preparado para o abate por seus colegas de imprensa<sup>36</sup>. Um suíno com cabeça humana era acusado de enriquecimento ilícito, ao ser reconhecido como “o taverneiro que, com *muita honradez*, já possui algum dinheiro”, com o itálico servindo para demarcar a ironia<sup>37</sup>. O jornal *Correio Mercantil* era considerado como um porco, que se alimentava do “lixo” e da “imundície”, ao passo que o bobo da corte dizia que ele estaria “sempre focinhando na lama”<sup>38</sup>.



<sup>36</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 21 nov. 1880, p. 4-5.

<sup>37</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 jan. 1881, p. 4.

<sup>38</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 26 fev. 1882, p. 7.



As imagens vinculadas aos ofídios também estiveram entre as utilizadas pelo periódico ilustrado rio-grandino. A serpente traz consigo uma caracterização contrária à da humanidade, pois se o homem está situado no final de um longo esforço genético, se contrapõe a essa criatura fria, sem patas, sem pelos, sem plumas, ainda no início deste mesmo esforço, aparecendo homem e serpente como opostos e rivais, em um quadro pelo qual o ofídio carrega em si um aspecto negativo e maldito<sup>39</sup>. Alguns de seus traços dominantes são o avanço sinuoso do réptil, a mudança de pele, a língua ameaçadora e a agressividade no enlaçamento de suas vítimas<sup>40</sup>.

De porrete à mão, o bobo da corte, que representava o *Maruí*, dizia ter encontrado “um monstro”, em referência ao periódico ilustrado-humorístico da cidade vizinha de Pelotas, o *Cabrion*, que aparecia como uma cobra que dava “passos rasteiros”, parecendo-lhe “obra encomendada”<sup>41</sup>. A serpente voltava a aparecer em época dos festejos de Momo, na qual o periódico buscava desqualificar algumas das lideranças dos blocos carnavalescos, apontando o representante dos “boêmios” como uma cobra, que teria praticado malfeitos naquela época de festas e desfiles<sup>42</sup>.

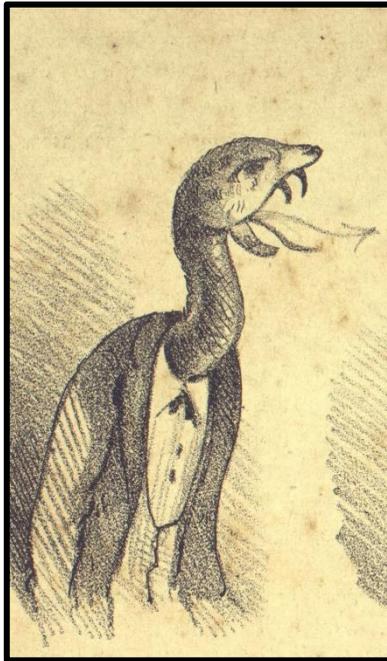
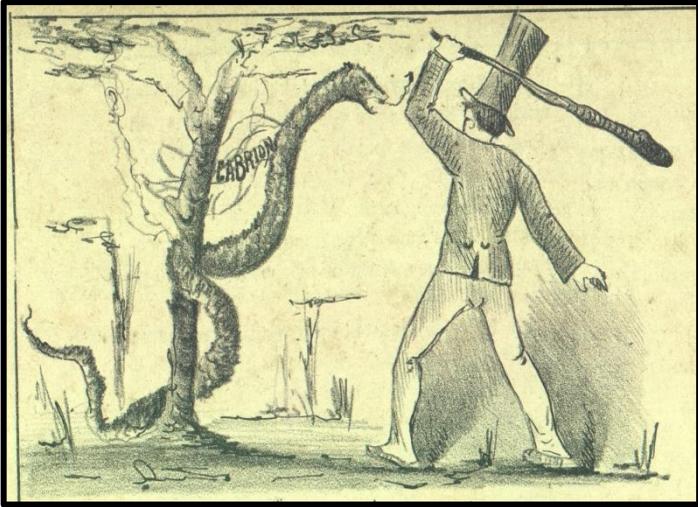
---

<sup>39</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 814 e 823.

<sup>40</sup> CIRLOT, 1984, p. 521.

<sup>41</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 8 fev. 1880, p. 4.

<sup>42</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 20 fev. 1881, p. 5.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Dois animais apareceram associados nas páginas do *Maruí*, no caso um jacaré e uma tartaruga. O primeiro se caracteriza por uma voracidade devoradora, tornando-se temível, aparecendo também como um símbolo de duplicidade e de hipocrisia<sup>43</sup>. É identificado ainda pela agressividade, pelo poder destruidor, pela fúria e pela maldade<sup>44</sup>. No desenho o jacaré aparecia contendo um casco, em um misto com a tartaruga, que pode induzir às ideias de fuga, da capitulação e mesmo da covardia<sup>45</sup>, bem como à perspectiva da involução, da escuridão, da lentidão e da estagnação<sup>46</sup>. Nesse sentido, a figura original teria se metamorfoseado em “um cágado por uma lagartixa ou um camaleão”<sup>47</sup>. A lerdice das ações policiais era criticada pelo periódico ao mostrar a força pública utilizando-se de tartarugas como montaria, cena comentada com ironia e escárnio, com o dizer de que “graças a Deus podemos dormir tranquilamente, confiando na energia e atividade da polícia”<sup>48</sup>.

---

<sup>43</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 305-306.

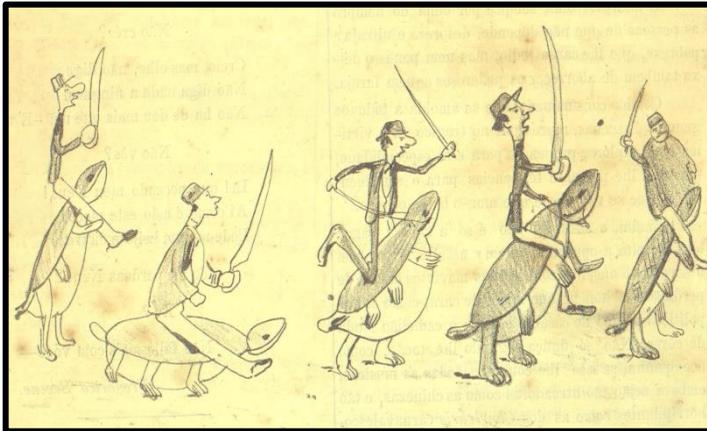
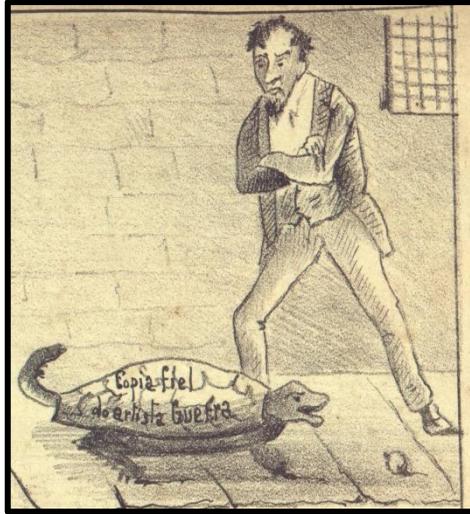
<sup>44</sup> CIRLOT, 1984, p. 193.

<sup>45</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 870.

<sup>46</sup> CIRLOT, 1984, p. 551.

<sup>47</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 8 fev. 1880, p. 4-5.

<sup>48</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 7 ago. 1881, p. 8.



Vários felinos também estiveram contidos dentro as representações zoomórficas do hebdomadário caricato da cidade do Rio Grande. Entre outros sentidos, tais animais evocam, de forma geral, as ideias de poder e ferocidade, comportando sinais negativos, podendo

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

constituir um símbolo maléfico e um monstro da escuridão. Seu aparecimento provoca angústia, reanimando os terrores gerados pela aproximação da fera na floresta e, belo, cruel, rápido, vem a fascinar e apavorar<sup>49</sup>. Apontando para a “história de uma vida”, o semanário mostrava uma figura felina a, traiçoeiramente, apunhalar um homem no peito, atitude considerada ironicamente como um “belo exemplo”<sup>50</sup>. Outro felino, em vestimenta militar, utilizava suas forças para afogar um indivíduo em “um mar de sangue” e sendo considerado como um “valentão mor”, que ainda haveria “de conquistar Cartago”<sup>51</sup>.



<sup>49</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 883-884.

<sup>50</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 7 mar. 1880, p. 4.

<sup>51</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 11 abr. 1880, p. 8.



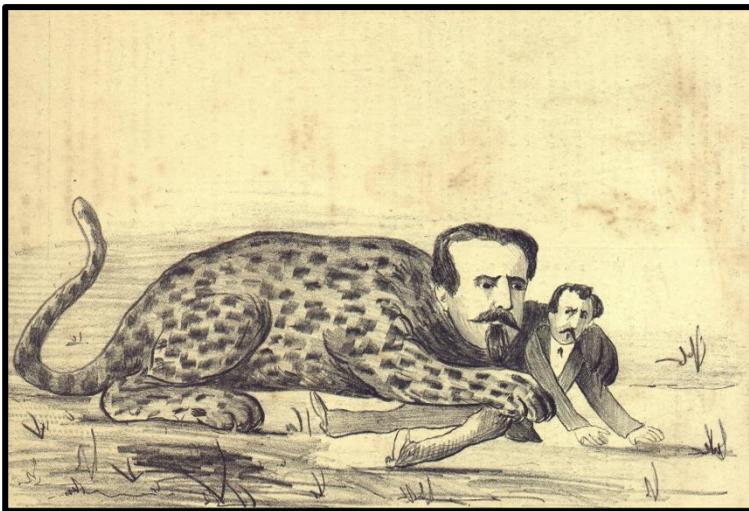
A traição no meio político era demonstrada pela imagem de um felino que possuía cabeça humana, estando “com apetite de devorar um dos seus semelhantes” e pronto para dar “a dentada de misericórdia”<sup>52</sup>. Insatisfeito com o comportamento de alguns dos blocos durante as comemorações do carnaval, o hebdomadário apresentou os representantes de dois clubes, o Diógenes e o Saca-Rolhas, como figuras felinas de faca à mão, prontas para atacar, apontando assim para atos violentos durante as festas de Momo vindo a exclamar quanto a tais indivíduos: “Safa!... que caras feias”<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 27 jun. 1880, p. 4.

<sup>53</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 20 fev. 1881, p. 5.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS





O pato foi outro animal presente na arte caricatural do *Maruí*. Para tal ave palmípede é difícil atribuir-lhe um simbolismo especial<sup>54</sup>, aparecendo com frequência nos contos folclóricos, relacionando-se com o destino, ao representar os perigos e fortunas da existência<sup>55</sup>. Em termos populares, no sentido figurado, o pato surge como sinônimo de tolo, pacóvio e idiota. Já as aves em geral podem ser interpretadas pelo viés da instabilidade, esvoaçando de lá para cá, sem método e sem sequência<sup>56</sup>. O desvio de dinheiro público para

---

<sup>54</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 692.

<sup>55</sup> CIRLOT, 1984, p. 425.

<sup>56</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 687.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

distribuir entre os apaniguados era demonstrado por um indivíduo, vestido em trajes histriônicos, pronto a utilizar-se das verbas destinadas ao serviço de esgotos, para dividi-las em meio às suas “patotas”, aliados representados por patos<sup>57</sup>. No mesmo sentido, uma outra ave aparecia como a designação do povo, que mantinha a cartola e a bengala, mas fora depenada, a partir da retirada de uma companhia prestadora de serviços<sup>58</sup>.



<sup>57</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 20 jun. 1880, p. 4.

<sup>58</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 21 jan. 1881, p. 4.



Em outras manifestações imagéticas do semanário, a figura do pato foi associada à do sapo. Uma das inspirações acerca deste animal crepuscular é o medo, fazendo dele comumente um símbolo de fealdade e da falta de jeito<sup>59</sup>. Tais animais apareciam como moradores de “algumas províncias do norte”, que comemoravam a chegada da chuva, dando “graças à providência por haver enfim cessado a calamidade da seca”, o que teria “sido motivo para o contentamento do Zé Povinho”<sup>60</sup>. Patos e sapos surgiam mais uma vez na mesma caricatura, traduzindo a impotência da população rio-grandina frente a uma crise no abastecimento de água, em plena época de calor e

---

<sup>59</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 803.

<sup>60</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 maio 1880, p. 5.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

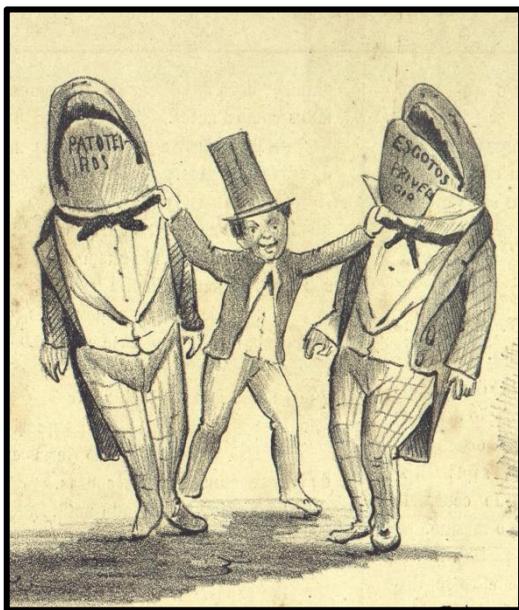
abafamento, surgindo os animais em desespero pela  
seca<sup>61</sup>.



---

<sup>61</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 12 mar. 1882, p. 7.

As ilustrações do *Maruí* trouxeram também a presença dos moradores das águas. Dentre as tantas simbologias do peixe, pode aparecer como aquele que mergulha nas águas inferiores, no mundo subterrâneo, surgindo como um ser impuro<sup>62</sup>. Nesse quadro, dois peixes que apareciam nas páginas do semanário serviam para designar os políticos corruptos que formavam patotas e desviavam verbas, com a constatação do bobo da corte de que “estes é que são felizardos”, de modo que, “com mais dois tubarões como estes, são capazes de nos esgotar até o sangue”<sup>63</sup>.



---

<sup>62</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 703.

<sup>63</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 6 jun. 1880, p. 5.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

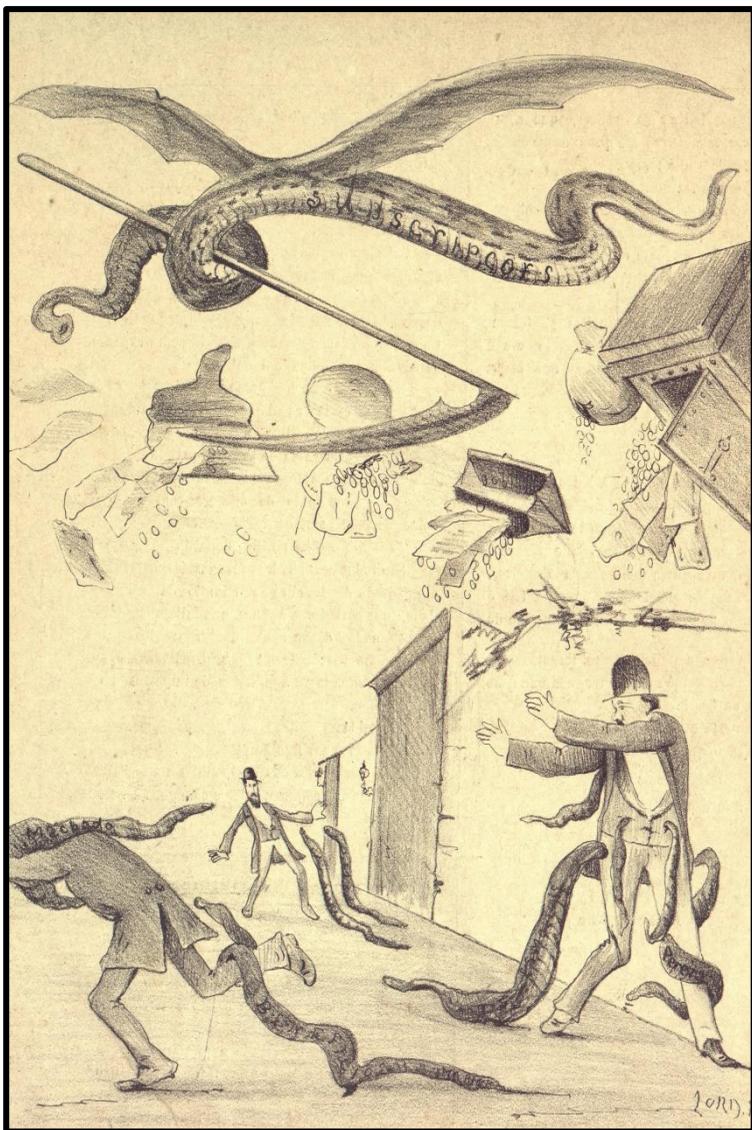
Outros que estiveram representados na arte caricatural da folha ilustrada rio-grandina foram os vermes. Tais invertebrados de corpo mole têm a sua existência vinculada à podridão e à morte e, na evolução biológica, marcam a etapa primordial da dissolução e da decomposição e, em relação a um organismo superior, aparecem como a regressão ou a fase final e larvária. Podem ainda ser encarados como intrusos indesejáveis ou trazer o significado de uma situação material desastrosa<sup>64</sup>. Esses seres correspondem à figura que mata em lugar de vivificar, tendo em vista seu caráter subterrâneo e de inferioridade, em sua relação com a morte e com o estágio de dissolução ou primariedade biológica, aparecendo ainda como a morte relativa e um expoente de energia dispersiva e desvanecida<sup>65</sup>. Nesse contexto, as “subscrições”, atividades comuns para arrecadar fundos por meio de doações oriundas da população, eram consideradas como “epidemia reinante”, na forma de vermes que dilapidavam o dinheiro do povo<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 943-944.

<sup>65</sup> CIRLOT, 1984, p. 596.

<sup>66</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 15 ago. 1880, p. 4.



A parte ilustrada do *Maruí* trouxe ainda a figura do bode. Esse animal é o símbolo da projeção da própria culpa sobre outro e, em sentido secundário, surge como o portador do mal<sup>67</sup>. Trata-se também de um animal trágico, vinculado muitas vezes a concepções sacrificiais, aparecendo ainda na forma de uma perversão do sentido de instinto, como a própria imagem da luxúria e da lascívia. Visto igualmente como animal fedorento, que se torna símbolo de abominação, rejeição, reprovação, putrefação e iniquidade, além de ser encarado como um ser impuro, completamente absorvido por sua necessidade de procriar, chegando a ser confundido com o demônio<sup>68</sup>.

As discussões consideradas excessivas entre dois jornais diários citadinos, o conservador *Eco do Sul* e o liberal *Artista*, que estariam apelando para expressões de baixo estofa nos artigos com os quais se confrontavam, foi representada como a luta entre dois bodes<sup>69</sup>. Na capa do periódico, aparecia outro bode, com a atitude maleducada de enfiar o dedo no nariz, o qual reclamava de que os jornais e os políticos não estariam a consultar sua opinião, revelando significativa presunção quanto à sua pessoa, ao considerar-se como “a principal peça de toda a obra”<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup> CIRLOT, 1984, p. 122.

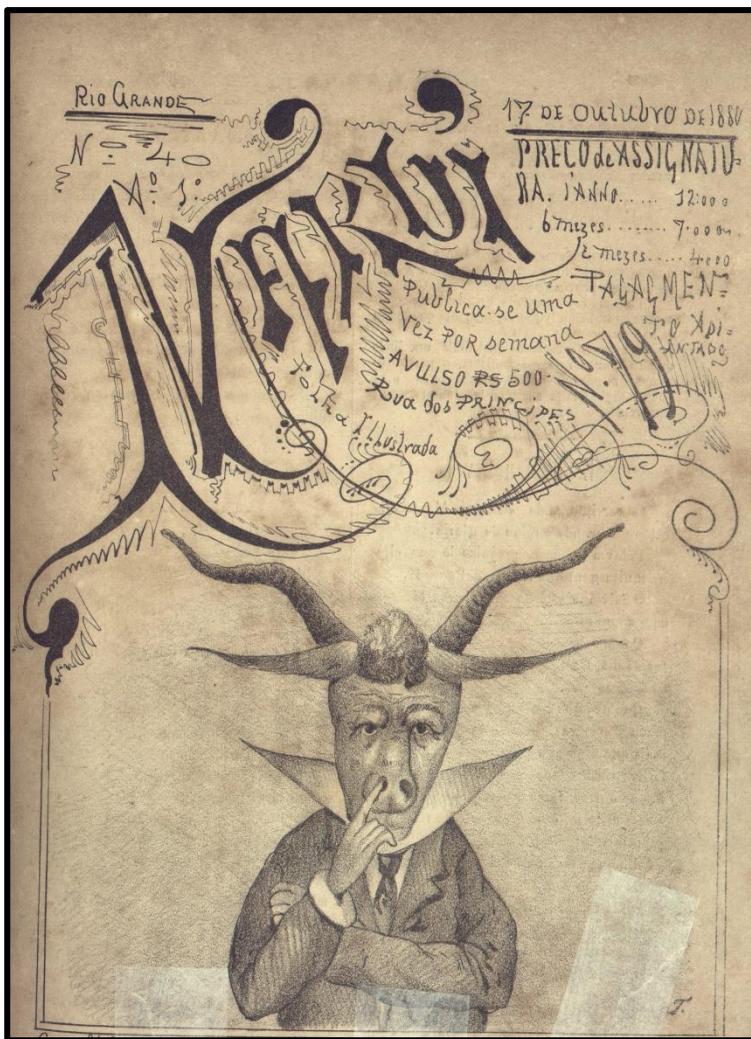
<sup>68</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 134.

<sup>69</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 5 set. 1880, p. 8.

<sup>70</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 17 out. 1880, p. 1.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Também fez parte do rol de representações simbólicas do hebdomadário a figura do macaco. Os símios podem ter um sentido geral de força inferior,

sombra e atividade inconsciente<sup>71</sup>. O macaco é também conhecido por sua agilidade, seu dom de imitação e sua comicidade, podendo trazer consigo um aspecto desconcertante vinculado à consciência dissipada e como um animal irritável e tolo, surgindo ainda como símbolo das atividades do inconsciente, que, sob uma forma perigosa, desencadeia forças instintivas, não controladas e degradantes. Também pode surgir como uma imagem de indecência, de lascívia, de agitação, de insolência e de vaidade<sup>72</sup>.

Nesse sentido, o semanário mostrava cena na qual um espanhol fazia uma serenata para uma mulher, que surgia à janela, assumindo forma simiesca, no sentido de desprestigiá-la<sup>73</sup>. Vários jornalistas chegaram a ser representados como macacos, esfomeados e prontos para devorar uma comida identificada como “convênio”, no sentido de cada um deles havia vendido sua pena, escrevendo favoravelmente a uma causa, tendo em vista o recebimento de alguma comissão, o que, segundo o seminário, precisava de uma explicação<sup>74</sup>.

---

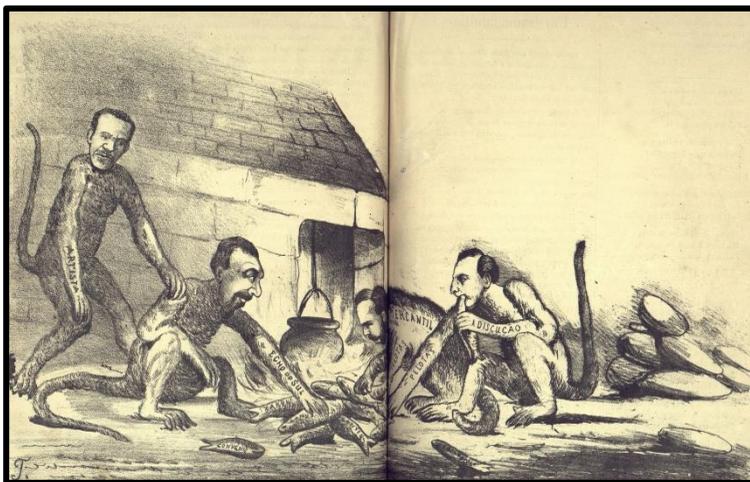
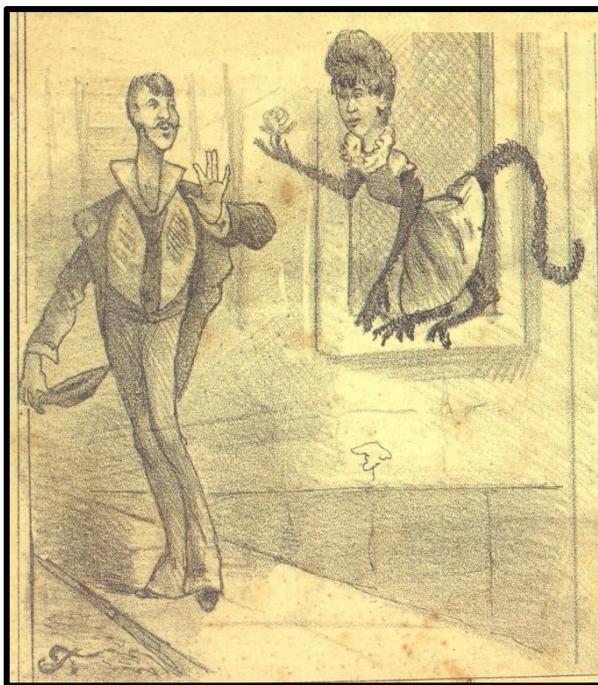
<sup>71</sup> CIRLOT, 1984, p. 359.

<sup>72</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 573 e 575-576.

<sup>73</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 jan. 1881, p. 4.

<sup>74</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 21 ago. 1881, p. 4-5.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Uma presença bastante comum na caricatura expressa por meio da imprensa foi a do rato. Tal animal é visto como um ser esfomeado, prolífico e noturno e como uma criatura temível e até infernal, que espalha a peste e tem um papel destruidor. Ele aparece ainda como uma imagem da avareza, da cupidez, da atividade noturna e clandestina, sendo considerado ainda como um ladrão, associado à noção de roubo e à apropriação fraudulenta de riquezas<sup>75</sup>. Esse roedor surge ainda relacionado à doença e à morte, carregando consigo um aspecto maléfico e até demoníaco e mesmo perigoso e repugnante<sup>76</sup>. Além disso, o rato tem sido uma das simbologias mais recorrentes na arte caricatural para designar a corrupção.

Foi o caso da denúncia quanto a uma associação teatral, que tivera uma diretoria que saíra farta de locupletar-se, assumindo uma nova, representada por “um famoso ratão de pelo branco”, que tinha intenções idênticas, apesar de encontrar os cofres da instituição esvaziados a partir da roubalheira até então cometida<sup>77</sup>. Os desmandos na administração das verbas públicas apareceram também na forma de várias ratazanas que ocupavam as posições de mando no órgão que controlava o serviço de abastecimento de água, com a denúncia de que “os ilustres membros da Companhia Hidráulica reuniram-se e, após uma prolongada e calorosa discussão, resolveram aumentar vinte por cento aos possuidores de pena”<sup>78</sup>.

---

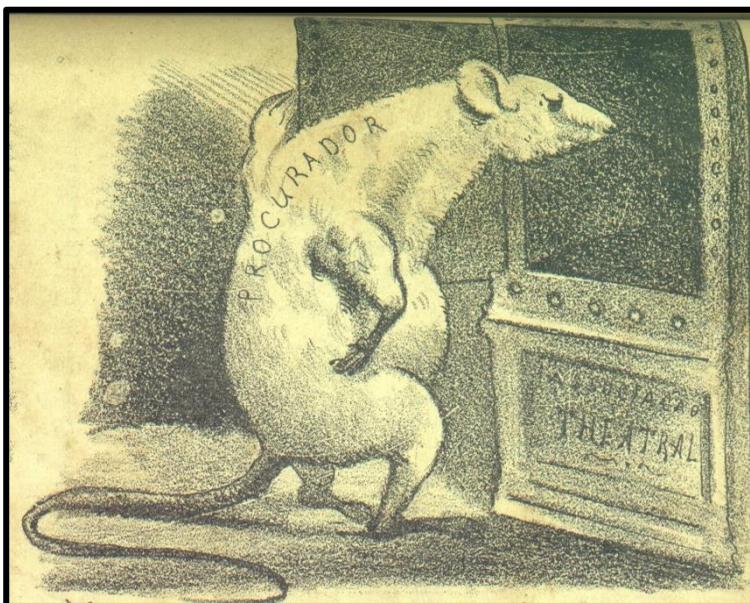
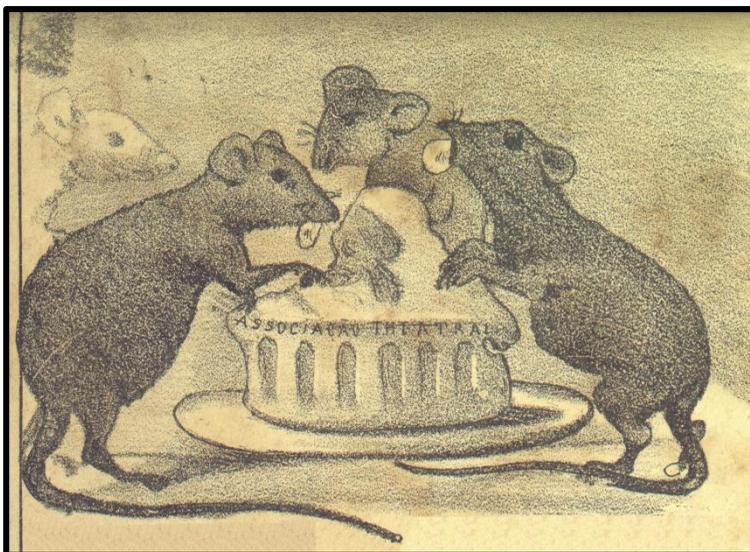
<sup>75</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 770-771.

<sup>76</sup> CIRLOT, 1984, p. 491.

<sup>77</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 30 jan. 1881, p. 8.

<sup>78</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 12 mar. 1882, p. 2.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS





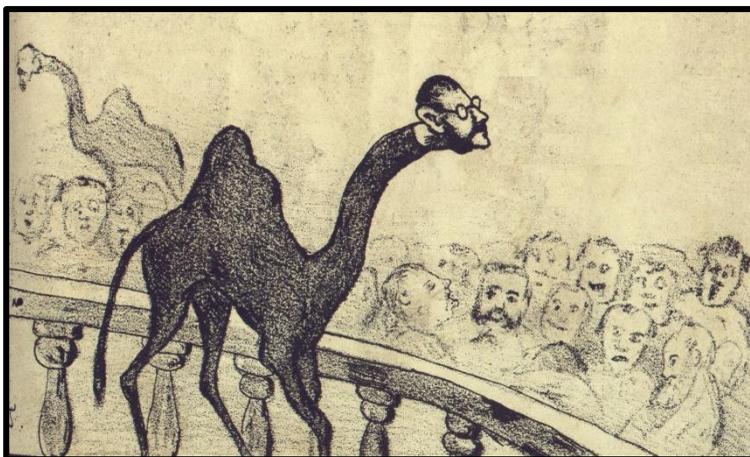
Conhecido como a montaria que ajuda a atravessar o deserto, o camelo também pode ser caracterizado como animal de caráter difícil, chegando a ser alocado na categoria dos animais impuros e mesmo sinistros, além de ser relacionado com a morte<sup>79</sup>. Houve a presença de uma figura que lembrava um camelo nas páginas do *Maruí*, enquanto outra se afastava, traduzindo a intenção de um indivíduo, no alto de um coreto, de convencer o público presente – na verdade fazendo referência ao pronunciamento publicado no jornal *Eco do Sul* –, que, ao contrário de contar com a aceitação dos ouvintes, tornou-se motivo de riso e zombaria<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 171-172.

<sup>80</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 out. 1881, p. 3.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



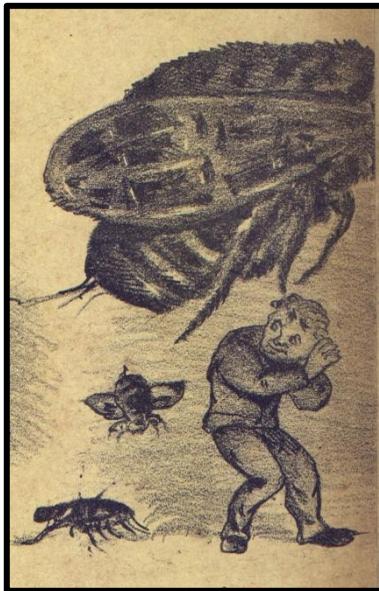
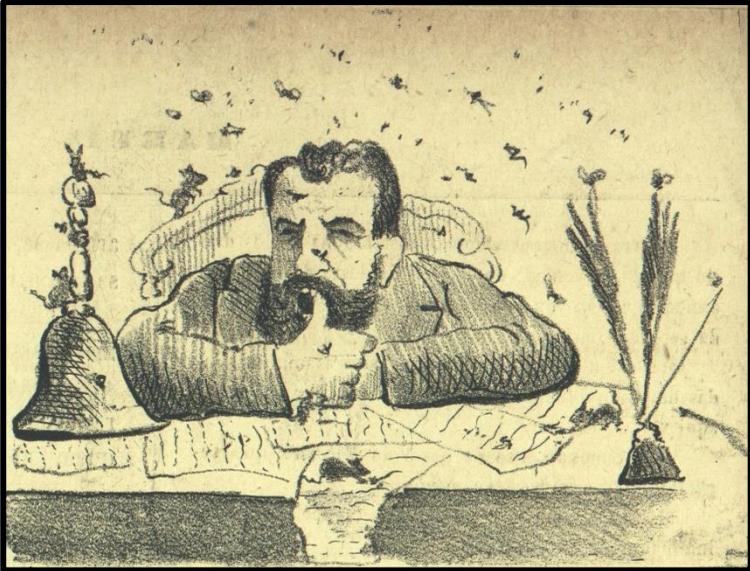
Incomodando, zoando, mordendo sem parar, as moscas são seres insuportáveis, além de se multiplicarem sobre o apodrecimento e a decomposição, carregando os piores germes de doenças e desafiando qualquer proteção<sup>81</sup>. Nessa linha, as moscas e os ratos serviam para expressar a opinião do hebdomadário acerca da precária atividade no campo parlamentar, em imagem acompanhada do irônico argumento de que “os trabalhos da atual legislatura dão testemunho do esclarecido zelo com que vos ocupastes dos mais graves interesses de nossa pátria”, vindo a confirmar com a afirmação – “Sim senhor: muito zelo”<sup>82</sup>. Os problemas que afetavam a cidade foram representados por enormes moscas que afligiam a população de todas as maneiras<sup>83</sup>.

---

<sup>81</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 623.

<sup>82</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 maio 1880, p. 4.

<sup>83</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 26 mar. 1882, p. 6-7.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Aqueles que são considerados como os companheiros dos homens também se fizeram presentes nos desenhos caricaturais da folha rio-grandina, só que em um sentido bastante diferente de tal companheirismo. A simbologia do cão é bastante complexa, estando ligada à trilogia dos elementos terra, água e lua. Em um desses enfoques, o animal está associado à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo e aos impérios invisíveis, aparecendo muitas vezes como o

guia do homem na noite da morte<sup>84</sup>. Além disso, surge como o emblema da fidelidade<sup>85</sup> e mesmo da submissão. Em termos informais e populares, o cão pode ser ainda identificado como um sujeito desprezível e até mesmo como o próprio diabo.

Assim, um cachorro com feições humanas tratava de devorar um enorme osso, identificado com o dinheiro público, manifestando-se o semanário acerca de conhecer “as misérias e o interesse” do personagem, no sentido de defender e vencer com sua causa, estando ele “faminto” e sendo “a ocasião boa para saciar a fome”, pois “a vítima” caíra “nas suas sanguinolentas garras”, restando, diante disso, a dúvida, de “quando lhe soltará?”<sup>86</sup>. Os interesses insaciáveis de alguns integrantes da sociedade local eram mais uma vez representados por um cão com cabeça humana que avançava com ansiedade para devorar o “suculento pasto” que lhe era oferecido<sup>87</sup>. O redator de uma folha diária citadina *O Comercial* era mostrado como um cachorro que, em sua casinha, aparentemente comportado, aguardava o proprietário do periódico, o qual reclamava com seu interlocutor dos maus hábitos daquele escritor público<sup>88</sup>.

---

<sup>84</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 176.

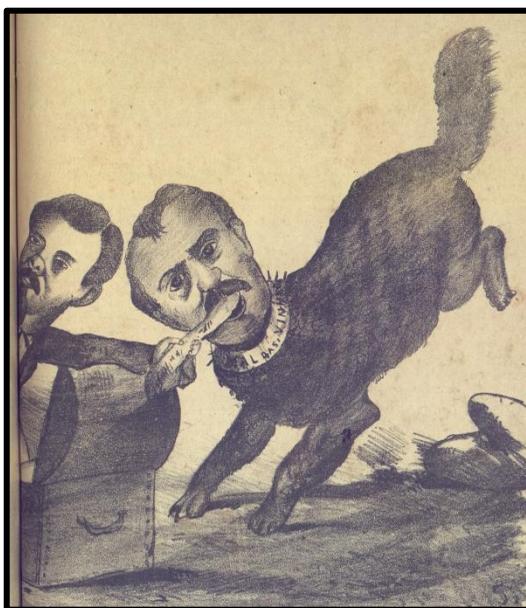
<sup>85</sup> CIRLOT, 1984, p. 136.

<sup>86</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 31 jan. 1882, p. 7.

<sup>87</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 12 fev. 1882, p. 7.

<sup>88</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 26 fev. 1882, p. 6-7.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS





Ainda que com menor incidência, o *Maruí* também lançou mão das figuras zoomórficas para apresentar características positivas do retratado, como foi o caso do leão. Como rei dos animais, senhor natural ou o possuidor da força<sup>89</sup>, o leão está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria, pois, se ele é a própria encarnação do poder, da sabedoria, e da justiça, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do pai, mestre, soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano. Desse modo, ele pode ser admirável, bem como insuportável, oscilando entre esses dois polos suas numerosas acepções simbólicas<sup>90</sup>. Nesse sentido a figura leonina era incorporada por um político, cuja face aparecia em meio à juba do animal, assumindo, na Câmara dos Deputados, uma ação “temerosa”, que

---

<sup>89</sup> CIRLOT, 1984, p. 336.

<sup>90</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 538.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

assustava um colega na casa legislativa<sup>91</sup>. Um outro parlamentar, metamorfoseado em leão, mostrava-se tranquilo para enfrentar os adversários que, em maior número e armados, preparavam-se para atacá-lo<sup>92</sup>.



Ainda quanto a uma conotação positiva, outro animal que apareceu foi o galo. Emblema da vigilância e da atividade e alegoria da vigilância e da ressurreição<sup>93</sup>,

---

<sup>91</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 27 jun. 1880, p. 8.

<sup>92</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 9 jul. 1880, p. 4-5.

<sup>93</sup> CIRLOT, 1984, p. 270.

o galo surge também como símbolo da altivez e como aquele que anuncia o nascimento do sol, carregando a virtude da coragem e, ao mesmo tempo, surgindo como aquele que tem poderes contra as influências maléficas da noite<sup>94</sup>. As disputas político-partidárias da época imperial foram identificadas por figuras galináceas, com uma rinha de galos, no qual o liberal vencia o conservador, encontrando-se o primeiro em postura triunfal, ao passo que o outro permanecia prostrado ao chão, sob os pés do opositor, em imagem acompanhada da legenda: “Canta meu galo velho! Ainda desta vez triunfastes”<sup>95</sup>.



---

<sup>94</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 457.

<sup>95</sup> O MARUÍ. Rio Grande, 6nov. 1881, p. 2.

Assim, a arte caricatural expressa pelo *Maruí* teve em si uma significativa carga simbólica, levando em conta o reconhecimento de seu público para com tais representações. O símbolo preenche uma função profundamente favorável à vida pessoal e social, a partir de um rico dinamismo e de múltiplas facetas e mesmo chegando a exercer uma função pedagógica. Ele traz consigo uma linguagem universal, por ser virtualmente acessível a todo ser humano, sem passar pela interpretação de línguas escritas ou faladas, já que emana de toda psique humana, ao envolver um fundo comum do inconsciente coletivo, capaz de receber e de emitir mensagens, sem que para tanto se deixe de lado as contribuições étnicas e pessoais. Nesse quadro, o símbolo surge como um instrumento eficaz da compreensão interpessoal, intergrupar e internacional, conduzindo-a à sua mais alta intensidade e às suas mais profundas dimensões<sup>96</sup>. De acordo com tal perspectiva o semanário ilustrado rio-grandino lançou mão do simbolismo presente em figuras zoomórficas para estabelecer qualificações em relação aos personagens que retratava em suas criações imagéticas, normalmente em tom negativo, com a certeza de que os leitores teriam consciência e compreensão do conteúdo ali expresso.

---

<sup>96</sup> CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. xxvi e xxviii-xxx.



# **A Coluna da Liberdade: arte monumental e imprensa na cidade do Rio Grande (registros textuais e imagéticos)**

A transição da Monarquia à República no Brasil foi marcada por uma série de debates de natureza político-ideológica em torno dos modelos pelos quais se pretendia moldar a nova forma de governo. Foi nessa conjuntura prenhe em incertezas que se deu a construção do primeiro monumento em praça pública da cidade do Rio Grande – a Coluna da Liberdade. Após a abolição da escravatura, a Câmara Municipal do Rio Grande, de predomínio conservador, achou por bem homenagear o evento com a edificação de um monumento que demarcasse o 13 de Maio de 1888. A 28 de setembro de 1889 deu-se o assentamento da pedra fundamental, sendo a estátua esculpida à mão pelo italiano Giuseppe Ravagnelli, no local onde seria alocada, a Praça D. Isabel, sendo a obra sustentada por verbas públicas e subscrições populares. A mudança na forma de governo, no entanto, provocaria algumas mudanças no significado do monumento. Os novos governantes municipais decidiram que a estátua deveria, além de homenagear a extinção do escravismo, cultivar a forma de governo inaugurada no dia 15 de novembro de 1889.

A estátua em homenagem à abolição e à República foi modelada com uma coluna de aproximadamente dez metros, um pedestal de quatro metros e meio e uma figura feminina de mais de três metros. O capitel apresenta folhas de acanto, em uma referência ao estilo coríntio, que, entrelaçadas, emolduram quatro faces indígenas representando o povo brasileiro. A escultura feminina tem uma corrente rompida à mão esquerda, em analogia à liberdade e, à mão direita, um estandarte simbolizando a nacionalidade. A nova homenagem à República ficou demarcada nas inscrições em cada uma das faces do pedestal, pois, diferentemente do original, o que prevaleceu foi: “Humanidade”, “Fraternidade”, “13 de Maio - Igualdade” e, o anteriormente não previsto, “15 de Novembro - Liberdade”.

A inauguração do monumento deu-se um mês após a proclamação da República, às dezessete horas do dia 15 de dezembro de 1889. A solenidade foi marcada por um certo mal-estar, com a ausência dos edis idealizadores da obra, que haviam sido destituídos, não havendo convites especiais para a mesma, ficando o anúncio do evento a cargo da imprensa da comunidade portuária. Os jornais registraram que houve grande presença popular no ato inaugural, realizado pelo Procurador da Câmara Municipal, com discursos e foguetórios, sendo tocada a Marselhesa, refletindo a influência da República Francesa no pensamento das lideranças que dirigiam a jovem república instalada a 15 de Novembro.

Essa identidade com a França e suas revoluções foi notória junto aos novos detentores do poder, mormente no que tange a buscar um elemento que

viesses a simbolizar a nova forma de governo. Apesar das diversas tendências que pretendiam orientar o país em uma direção diferente e, por vezes divergente, cada qual tentando moldar um regime próprio, em um processo de idealização de uma “verdadeira república”, a ideia de apresentar a figura feminina como símbolo máximo da liberdade<sup>97</sup> e da República foi a mais predominante<sup>98</sup>. Ainda que por linhas tortas, ficou demarcado que a Estátua à Liberdade teria sido o primeiro monumento brasileiro em praça pública a homenagear a República, dando vazão ao espírito simbólico da figura feminina como representativa da nova forma de governo.

A edificação de monumentos estatuários vem ao encontro da busca por perpetuação de determinados eventos em meio à memória social, uma vez que, as estátuas evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque os seus idealizadores veem nesse tipo de obra um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retêm do seu passado as confirmações da sua unidade presente<sup>99</sup>. A arte estatuária acompanha a perspectiva de submeter uma determinada herança a um inventário, de modo que a legitimação de um dever de memória surge como um

---

<sup>97</sup> BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 96.

<sup>98</sup> AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne: les visages de la République*. Paris: Gallimard, 1992.; e CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

<sup>99</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 466.

dever de justiça, dando à proferição do dever de memória um tom cominatório que encontra no ato da exortação a forma de comemorar<sup>100</sup>. Além disso, a figura homenageada em pedra e/ou metal, ou por estes representados, tende a adquirir um significativo sistema de valores e costumes arquitetados de acordo com as estruturas culturais de sua época<sup>101</sup>.

A imprensa da cidade do Rio Grande desempenhou um papel relevante nos registros acerca da Coluna da Liberdade. Ao final do século XIX, circulavam na comunidade litorânea diversos gêneros jornalísticos, dentre eles os representantes do periodismo diário e do ilustrado-humorístico. Dentre os diários, estiveram o *Diário do Rio Grande* (1848-1910) e o *Artista* (1862-1912), à época vinculados aos liberais, e o *Eco do Sul* (1858-1934), ligado aos conservadores. Já o periodismo destinado ao humor contava com o *Bisturi* (1888-1915), praticante de um jornalismo crítico-opinativo, que demonstrava maior proximidade com os liberais. Com a proclamação da República, cada um destes periódicos manteve uma tendência que variou entre aplaudir a mudança política e/ou aceitar o fato consumado, para, posteriormente, estabelecerem novas orientações mediante o condicionamento das circunstâncias que passaram a

---

<sup>100</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 101-102.

<sup>101</sup> DUBBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 136-137.

vigorar<sup>102</sup>. Um levantamento documental acerca das repercussões do erguimento da Coluna da Liberdade, serve para demonstrar as formas pelas quais cada uma dessas publicações informou/opinou acerca de tal monumento estatutário<sup>103</sup>.

Os dois primeiros informes sobre o monumento ocorreram na forma de breves notas publicadas pelo *Artista* e pelo *Diário do Rio Grande*, demarcando o assentamento da pedra fundamental:

«Monumento ao 13 de Maio<sup>104</sup>

O assentamento da primeira pedra da coluna, que por iniciativa da Câmara Municipal vai ser erigida na Praça D. Isabel, realizar-se-á amanhã, às 11 horas. »

«Coluna comemorativa<sup>105</sup>

Hoje, às 11 horas da manhã, terá lugar o assentamento da pedra fundamental da coluna que vai ser ereta na Praça D. Isabel, em comemoração da lei que extinguiu a escravidão no Brasil.

---

<sup>102</sup> Acerca do jornalismo citadino de então, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

<sup>103</sup> Este levantamento documental constitui uma versão ampliada da apresentada em: ALVES, Francisco das Neves. *Textos para o estudo da história da mais antiga cidade sul-rio-grandense*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2014. p. 51-62.

<sup>104</sup> ARTISTA. Rio Grande, 27 set. 1889, p. 2.

<sup>105</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 28 set. 1889, p. 2.

Ao ato assistirão a Câmara Municipal, várias autoridades e outras pessoas.

A construção do monumento está a cargo do artista italiano Sr. José Ravagnelli.»

O caráter meramente noticioso foi deixado de lado pelo *Artista* na coluna que publicou em seguida, assinada por meio de um pseudônimo, e na qual exaltava a data do 13 de Maio, mas tecia críticas severas para com o monumento projetado, considerando-o limitado artisticamente, além de colocar em dúvida as formas de financiamento da obra, sustentando um discurso de combate ao poder público municipal de ascendência conservadora.

«O monumento da Câmara<sup>106</sup>

Foi assentada hoje a primeira pedra do monumento, que por iniciativa da Ilma. Câmara, e por uma subscrição agenciada pela mesma corporação, será levantado na Praça D. Isabel.

O monumento é destinado a comemorar a lei que dissipou no firmamento da pátria a única sombra que obscurecia a luz da liberdade, e restituindo a liberdade a milhares de brasileiros, remindo o sinistro passado de três séculos de escravidão, nobilitou o trabalho e completou a nossa redenção política e social.

Essa página sublime, que marcou uma era nova de dignificação, é a mais brilhante de quantas a nossa civilização tem burilado nos fastos da nacionalidade brasileira, e há de transmitir às idades futuras, um

---

<sup>106</sup> ARTISTA. Rio Grande, 28 set. 1889, p. 2.

testemunho eloquente da nossa civilização, do nosso espírito de justiça e do nosso amor à liberdade.

Nenhum fato talvez da nossa história é tão digno de ser comemorado em monumento, que ateste aos pósteros e aos coevos como um povo justamente orgulhoso das suas glórias sabe prestar-lhes a merecida consagração.

Mas...

Infelizmente não há nada que não tenha um *mas*, como não há sogra sem defeito, nem bela sem senão.

Será o monumento digno do grandioso fato nacional que se pretende comemorar?

Sobre isto há quem tenha dúvidas, e eu mesmo sou obrigado a confessar com toda a franqueza que também estou inclinado a acreditar que a Coluna da iniciativa da Câmara, nem há de honrar muito a epopeia nacional da abolição, nem atestará em favor do nosso gosto artístico e do nosso adiantamento.

Sim, a calcular pelo que a atual Câmara tem demonstrado em questões de arte e de gosto para embelezamento da cidade, é natural supor que, em vez de ser levantada na Praça D. Isabel, talvez a coluna ficasse melhor na Praça Tamandaré, onde certamente havia de fazer um figurão, quando concluídas as obras decretadas pela municipalidade, ela se transformasse num florido jardim, e no lago, à sombra de árvores frondosas, nadassem mansamente as capororocas, os patos arminhos e outras aves aquáticas indígenas.

Sinceramente, a dúvida que não só a mim, mas a muita gente inspira a iniciativa da Câmara na construção do monumento, não é filha do pessimismo, nem de deliberado propósito de depreciar tudo o que a Câmara faz e resolve.

O pobre desconfia sempre da esmola, quando ela é muito grande, e nós estamos nesse caso.

Que diabo se pode esperar de uma Câmara, que tão mal cuida do asseio urbano e, para melhorar a única praça arborizada e ajardinada, manda arrancar as árvores e arrasas os canteiros.

Dá-nos em troca a coluna, que há de ser o pasmo do Zé-povinho e a admiração dos estrangeiros que aqui passarem.

Boa compensação, não há dúvida.

Só a coluna tem 13 metros... fora a estátua.

E baratinho.

Segundo asseveraram o honrado Procurador da Câmara e o digno Fiel do dito Procurador, quando para angariar os cobres para a coluna, acompanhavam o Sr. Ravagnelli e o plano do monumento por este organizado e adotado pela Câmara, e andavam em peditório aos felizes habitantes desta terra predestinada, a obra toda, a coluna e mais a estátua, não custaram mais de 2 contos e tanto.

Um ovo por um real.

E há por aí uns sujeitinhos desconfiados como S. Tomé, que não acreditam no que não veem, nem em coisas que se não possam compreender, e a esses incrédulos não há maneira de convencer que se possa construir uma coluna de 13 metros e encarrapitar-lhe em cima de uma estátua de mármore, uma estátua decente e digna de ver-se, por tão pouco dinheiro.

Teimam eles que melhor é não fazer nada, do que levantar um monumento que nos ridicularize aos olhos dos estranhos e sirva de peteca ao Zé-povinho.

Eu, em parte, acho razão aos que assim pensam, porque no fim de contas, isto de monumento de cal e

tijolo, muito caiadinho por fora, com uma estátua reles no alto à guisa das clássicas pombinhas de alfenim em bandeja de doce, faz numa cidade civilizada e limpa o efeito de umas botas cambaias num sujeito de casaca e cartola.

Mas, por outra parte, vejo-me obrigado a reconhecer que a iniciativa do monumento da Câmara... perdão, a iniciativa da Câmara do monumento... mau... isto até parece de propósito.

Retifiquemos.

A iniciativa da Câmara, provendo a construção da coluna comemorativa do 13 de Maio, não nos parece motivo para grande espanto.

Em matéria de monumentos, nós temos já o lago da Praça Tamandaré e os quiosques ao lado do mercado.

Que muito é que, para honrar um dos fatos mais gloriosos da nossa nacionalidade, se levantasse uma coluna de tijolo, rebocado de cimento, e sobre ela se assente uma estátua às deveras, ou um boneco de platibanda?

*Um admirador de monumentos»*

O conservador *Eco do Sul* aplaudia a iniciativa da Câmara Municipal, publicando matéria na qual servia como preâmbulo um enaltecimento à Lei do Ventre Livre, ao Visconde do Rio Branco e à data escolhida para a colocação da pedra fundamental, o 28 de setembro, marcada exatamente como a efeméride da promulgação daquela legislação abolicionista, para depois tratar especificamente do monumento.

«28 de setembro<sup>107</sup>

Esta data recorda a gloriosa Lei do Ventre Livre, que imortalizou o grande estadista brasileiro, Visconde do Rio Branco, de abençoada memória.

O ilustre patriota, decretando tão sábia quão humanitária lei, forneceu a primeira pedra para o grandioso monumento da extinção da escravidão.

Que sentimentos generosos e puros moveram o eminente cidadão a dar tão agigantado passo na estrada da nossa civilização!

O Visconde do Rio Branco, além de ter um talento robusto e invejável, possuía um grande coração e uma alma verdadeiramente nobre.

A áurea lei de 28 de Setembro levou-o ao panteão da glória!

Rio Branco foi o filho deste grande império americano, que mais alto elevou o nome brasileiro e que melhor soube fazer jus à admiração, ao respeito e à gratidão de seus concidadãos.

Hoje, será celebrada, às 11 horas da manhã, a cerimônia da colocação da primeira pedra do monumento comemorativo da humanitária Lei de 13 de Maio.

Assistirão a este ato as autoridades civis e militares, o corpo consular e a imprensa.

A coluna que vai ser levantada terá a altura de 16 metros e será encimada pela estátua da liberdade.

Acha-se encarregado da construção desse monumento o hábil arquiteto e estatuário italiano, Sr. José Ravagnelli.

---

<sup>107</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 28 set. 1889, p. 2.

Pelos esforços empregados pela ilustre municipalidade e especialmente pelo seu digno Presidente, Sr. Luiz dos Santos Faria, é de esperar que a cerimônia tenha o maior brilhantismo possível.»

No dia seguinte, o *Eco do Sul* confirmava o acontecimento inaugural, publicando uma nota sobre o ocorrido.

«Notas do dia<sup>108</sup>

Como noticiamos, efetuou-se ontem, às 11 horas da manhã, o assentamento da pedra fundamental do monumento comemorativo da áurea lei de 13 de Maio.

À cerimônia assistiram os ilustres côsules dos Estados Unidos, Portugal, Inglaterra e República Oriental, o Sr. coronel comandante do 3º batalhão de artilharia, e banda musical do 12º batalhão da infantaria e muito povo.

A Câmara Municipal achava-se ali representada pelo seu digno Vice-Presidente, Sr. Luiz dos Santos Faria.»

O *Bisturi* restringiu-se a publicar breve informe sobre a instalação da pedra fundamental, prometendo maiores detalhes para o número seguinte, sem deixar de apresentar uma caricatura na qual mostrava o afluxo de público ao ato, mas já tratava o monumento de forma chistosa, alocando ao alto do pedestal uma figura

---

<sup>108</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 29 set. 1889, p. 2.

humana com nariz, mãos e pés avantajados e desproporcionais ao corpo.

«No sábado devia ter-se realizado, com toda a pompa de músicas, foguetes e discursos, o assentamento da primeira pedra para o Monumento ao 13 de Maio, no próximo domingo melhor trataremos do assunto<sup>109</sup>.»



Cumprindo o anunciado, o periódico ilustrado-humorístico rio-grandino publicou uma crônica na qual tratava o monumento projetado a partir de gracejos e sarcasmos, duvidando da qualidade da obra estatuária em questão e colocando em xeque a atuação dos membros da Câmara, inclusive quanto à idoneidade dos mesmos.

---

<sup>109</sup> BISTURI. Rio Grande, 29 set. 1889, p. 4-5.

«Crônica<sup>110</sup>

Tantos comícios, tantos barulhos, tanta atrapalhada política, para no fim de contas não haver com que um cronista encha quatro e cinco tiras de papel.

Depois, a gente habituou-se por tal forma a ir buscar assunto na polícia ou na casa da ilustríssima edilidade, que, a não ser lá, ninguém dá matéria para rir.

Um desapontamento formal em toda a linha.

Mas a crônica há de fazer-se não ponham nisso a menor dúvida.

Ou haja ou deixe de haver por aí alguma *rosca*, representando papéis puramente seus, ridículos para quem os consente e os permite, vergonhosos para o estado atual da nossa civilização, a crônica passará por cima de todas essas misérias, por cima de todas essas inópias do noticiário, apresentando-se sempre à altura da gravidade de circunstâncias imprevistas com meia dúzia de coisas dignas de serem postas diante dos olhinhos do meu querido leitor.

#

Em local especial falamos do monumento ao 13 de Maio, que se trata de levantar no jardim municipal.

Já foi *plantada* a primeira pedra e não tardará em nascer e crescer, o *grande monumento*, tomando proporções gigantescas, vivendo no meio de um *espaçoso* jardim, elevando-se acima da altura dos *feitos honrosos* da atual edilidade.

Que o vento não a derrube são os nossos sinceros votos!

---

<sup>110</sup> BISTURI. Rio Grande, 6 out. 1889, p. 2.

Que falta não faria à passarada, já habituada aos abrigos naquelas paragens, nestas tempestuosas noites de frio!

#

Devido à perspicácia da *Gazeta Mercantil* fiou averiguado que a edilidade mandou falsificar as moedas de *ouro* que mandou lançar na coluna comemorativa ao 13 de Maio.

Ainda nos parece um sonho tudo isso, toda essa pouca vergonha da edilidade!

Porque tortura não terão passado os que se entregam à profissão da gatunagem, ao se verem assim roubados pelos senhores edis, por aqueles ingratos que tanto lhes deve.

Não, ilustre, benemérita, inimitável, sábia e honrada edilidade, o teu nome não irá todo à sepultura!

Dá cá um abraço e fica sabendo que vais ter também um monumento feito de *roscas falsificadas* por um *alemão*, no qual se lerá em singela lápide a seguinte inscrição:

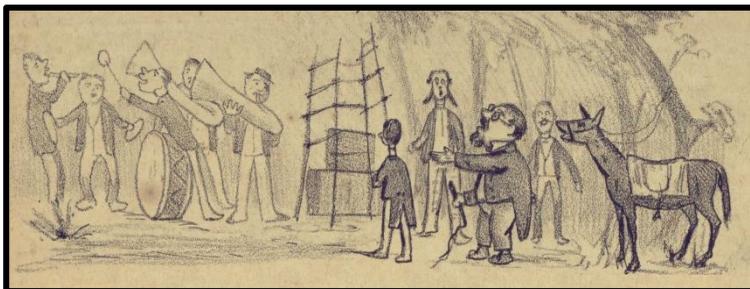
- *Qu'e d'ela o ouro* que te dei para guardar?

Está debaixo da coluna, quem quiser vá lá buscar.»

Lançando mão mais uma vez da arte caricatural, o *Bisturi* trazia uma versão bem humorada da inauguração do projeto monumental, buscando demonstrar que se tratara de um evento breve, com a presença de autoridades públicas e de uma banda.

«Presidente da Câmara: - Está inaugurada a estátua do ventre livre, que a Câmara houvera de já ter

feito há mais tempo... Viva S. M. o Imperador! Viva o povo brasileiro! Viva! Viva''! – toca a música<sup>111</sup>.»



Um dos enfoques mais utilizados pelo hebdomadário caricato para caracterizar a proposta da edificação da Coluna da Liberdade foi a de apresentar uma perspectiva exagerada para com a estátua. Nesse sentido, lançou uma versão na qual vários representantes estrangeiros, mais especificamente um chinês, um inglês, um prussiano e um espanhol, deslocaram-se para a cidade do Rio Grande para estudar a peça estatuária. Além dos delegados na caricatura apareciam os construtores do monumento que, no alto da coluna, se tratava da imagem de uma negra despida.

«Já têm chegado de diversos países do mundo delegados encarregados pelos seus respectivos governos para tirarem cópias e notas do magnífico e elegante Monumento ao 13 de Maio, que se está construindo no centro do jardim da Praça D. Isabel. Todos são concordes

---

<sup>111</sup> BISTURI. Rio Grande, 6 out. 1889, p. 4-5.

em que esta suntuosa obra é um verdadeiro monumento, e que muito honra a quem ali mandou pôr (...).

- O delegado da China disse que nem em Pequim, nem em Mankin há uma obra assim. O delegado da Inglaterra diz que em Londres não lhe consta até hoje que haja coisa semelhante. O delegado da Prússia diz que o grande "monumento" que o Rio Grande possui não tem rival. Diz o delegado da Espanha: - *No hay em el mundo comparacion para uno tan grande monumento, pero que el mar de lá España é mas ancho*"<sup>112</sup>.»



Na forma de versos, o periódico teceu mais algumas considerações sobre o monumento. Sob o título "Na ponta" descreveu as atitudes da edilidade, que

---

<sup>112</sup> BISTURI. Rio Grande, 6 out. 1889, p. 4-5.

fizera o monumento “aparecer”, indicando que se olhasse para a sua “ponta”, pareceria “uma “empada embrulhada” ou um “manipanso”, constituindo tudo isso uma “embrulhada”. Descrevia que a estátua servira para “comemorar a Lei 13 de Maio”, objetivo pelo qual fora levantada, havendo música, foguejada, risos e discursos. Considerava aquilo como uma “chinfrinada” e um “papelão” que fizera a Câmara. O poemeto apontava para as fragilidades do monumento e para o suposto esforço das autoridades, que promovera um “parto monstruoso”, com a presença de fardões, casacas e pimpões, com saudações por meio de “vivas”. Quanto ao funcionário público responsável pelo evento, a folha o descrevera como “muito caladinho”, havendo em seguida uma “procissão”, além ter sido citado que fora proferido um “hino à brava gente”, que “cercava a procissão”, vendo “o fandango” e esperando a “ocasião”. Ainda a respeito do ato inaugural, se referia “à pobre e infeliz praça”, que ia “ficando tristonha”, com a futura presença de uma coluna, que também se constituiria em “monumento” de alto custo, que serviria para “pasmear o estrangeiro” e os “portentos”. Em seguida, os versos prosseguiam:

«[ilegível]  
Ó leitor, tu não suspeitas,  
Quem “pra pronta” hoje vai,  
Eu aposto que o Silvino,  
Desta vez, aqui não cai.

Tenho medo que na “ponta”,  
Arrebente a tempestade,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

E “molhe” toda esta gente,  
Da formosa edilidade.

Eu bem quero ser decreto,  
E é meu costume calar,  
Quando vejo certas “coisas”  
Nesta terra do Gaspar.

Mas, enfim, já todos sabem,  
Todos viram e foram ver (...)

[trecho ilegível]

Viva, viva o progresso  
Desta terra, que “na ponta”,  
Há de sempre figurar,  
Como uma barata tonta.

Eu tenho medo que um dia,  
Essa “formosa” edilidade,  
Levante um monumento  
A “ponta” desta cidade.

Pois anda tudo de graça.  
Que bem pode acontecer,  
Que um dia o autor “da ponta”,  
Uma estátua possa ter.

E o “Zé” que gema e grita  
Na cama que é lugar quente,  
Enquanto que os edis cantam  
A sua oração plangente.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Ataco, pois, estes “edis”,  
Nesta “ponta” galhofeira,  
Para ver se pairam os desmandos  
Desta gente, que cegueira!

Vidal (meu bem) <sup>113</sup>»

Mais adiante, o periódico caricato publicava “A coluna comemorativa” na qual novamente apelava para o chiste quanto a uma grandiosidade do monumento, que estaria pronto para fazer frente à Torre Eiffel, tanto que despertaria o interesse entre os franceses, havendo até o empenho dos mesmos em adquirir a estátua rio-grandina. Além disso, fazia previsões de como viria a ser a inauguração da obra estatuária.

«A coluna comemorativa<sup>114</sup>

A Torre Eiffel construída à Praça D. Isabel está chamando a atenção pública na França.

Este soberbo monumento de arte, construído no centro do nosso jardim municipal, para comemorar a áurea Lei de 13 de Maio, está metendo inveja aos franceses e segundo nos consta breve chegará um sindicato com o fim de por avultada soma, apropriar-se do soberbo monumento.

Os desejos da França é pôr em comunicação a nova torre, com os canais do Rone ao Reno de Bergonha, enlaçando com o Mediterrâneo e o Oceano e em comunicação comercial, S. Luiz, Lion, Estrasburgo, Lille,

---

<sup>113</sup> BISTURI. Rio Grande, 6 out. 1889, p. 4-5.

<sup>114</sup> BISTURI. Rio Grande, 27 out. 1889, p. 3.

Paris, Roen, Havre, Orleans, Nantes, Toulouse, Bordéus e outras praças da França.

Vendeu-se em Paris, na Exposição 30 mil estampas da gloriosa coluna comemorativa, por três milhares e seiscentos e cinquenta milhões de francos (ib. st. 3.650.000.000).

Calcula-se que em fins do mês de janeiro próximo esteja concluída.

Para assistirem ao solene ato, já se expediram convites a todos os ministros, indivíduos do corpo diplomático e outros altos funcionários do Estado e aos representantes da imprensa de toda a parte do mundo.

Haverá durante o dia salva de artilharia e repiques de sinos.

A cidade será hermeticamente iluminada à luz elétrica.

Concluídas as cerimônias oficiais, o atual Presidente da Câmara subirá no píncaro da torre e de lá, com todo o entusiasmo e com a eloquência que o caracteriza, pronunciará um belo discurso dando por terminada, as obras da monumental *istautua*.

Depois seguirá o préstito a acompanhar os convidados ao ponto da partida, com as mesmas honras e com iguais demonstrações de afeto com que foram recebidos.»

Prosseguindo nas jocosas comparações entre a coluna da cidade do Rio Grande e o famoso monumento francês, o periódico mostrava o estágio da construção da coluna, observada pelos passantes, com a constatação de que a altura da obra rio-grandina estaria a ultrapassar a da Torre Eiffel.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

«A estátua da Praça D. Isabel já está numa altura descomunal!... Já há opinião que está mais alta do que a Torre Eiffel.<sup>115</sup>»



Uma vez edificado o monumento, iniciou-se o encaminhamento do ato inaugural. Por meio de notas, o *Diário do Rio Grande*, o *Artista* e o *Eco do Sul*, anunciavam os atos, demarcando a possibilidade da ausência da

---

<sup>115</sup> BISTURI. Rio Grande, 10 nov. 1889, p. 4.

edilidade e o papel da imprensa em noticiá-los, uma vez que não haveria convites oficiais.

«Coluna da Liberdade<sup>116</sup>

Consta-nos que a Câmara Municipal está resolvida a não dar caráter festivo à inauguração da Coluna da Liberdade, e a deixar que o hábil artista Sr. Ravagnelli a inaugure quando e como lhe parecer.

Custa-nos acreditar na veracidade da notícia, e a razão é que a coluna foi feita por iniciativa e influência, da Câmara que deu ao ato do assentamento da pedra fundamental caráter oficial.

Como admitir-se agora que, contra o que é de estilo em toda a parte, a Câmara deixe de presidir à inauguração do monumento?

Não é possível que a edilidade demonstre por essa forma a falta de compreensão que tem de seus deveres.»

«Coluna da Liberdade<sup>117</sup>

Parece, felizmente, que não se confirma a notícia que demos ontem, relativamente à inauguração da coluna ereta no jardim da Praça Municipal.

É, pelo menos, o que se depreende da seguinte notícia do órgão oficial da Câmara, de ontem:

“A inauguração do monumento comemorativo da lei de 13 de Maio foi marcada para domingo às 5 horas da tarde.

---

<sup>116</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 12 dez. 1889, p. 2

<sup>117</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 13 dez. 1889, p. 1

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

O ato será levado a efeito com a solenidade condigna, segundo dispôs a presidência da Câmara Municipal.

Não haverá convites especiais: a municipalidade resolveu autorizar a imprensa a dirigir um convite geral ao povo para assistir ao ato.”

«Coluna da Liberdade<sup>118</sup>

A inauguração da coluna da coluna erguida na Praça Municipal para comemorar a Lei de 13 de Maio há de realizar-se no próximo domingo, às 5 horas da tarde.

Neste momento acaba de nos ser feita esta comunicação pelo Sr. Fiel do Procurador da municipalidade, que de ordem também do Sr. Presidente da Câmara, nos autorizou a declarar que não há convites especiais, mas a Câmara espera do patriotismo dos seus municípios que todos concorram com a sua presença a abrilhantar a solenidade.»

«Coluna da Liberdade<sup>119</sup>

Deve efetuar-se amanhã, às 5 horas da tarde, a inauguração da coluna comemorativa da abolição da escravidão.»

«Coluna da Liberdade<sup>120</sup>

Estamos autorizados pela presidência da Câmara Municipal a convidar a população para assistir amanhã,

---

<sup>118</sup> ARTISTA. Rio Grande, 13 dez. 1889, p. 2.

<sup>119</sup> ARTISTA. Rio Grande, 14 dez. 1889, p. 2.

<sup>120</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 dez. 1889, p. 2

às 5 horas da tarde, à inauguração do monumento da liberdade.

Não haverá convites especiais.»

«Inauguração<sup>121</sup>

Hoje, às 5 horas da tarde, como já ontem noticiamos, efetuar-se-á a inauguração do monumento ereto no jardim municipal, em comemoração da Lei de 13 de Maio de 1888 e da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

É a cidade do Rio Grande a primeira do Brasil que levanta um monumento a este último e grandioso acontecimento.

Ao ato consta-nos que assistirão algumas bandas de música.»

«Pequenas reportagens<sup>122</sup>

Deve realizar-se hoje, às 5 horas da tarde, a inauguração do monumento comemorativo da Lei de 13 de Maio, que extinguiu no Brasil a mancha secular da escravidão.

Para o ato acha-se convidado o povo em geral pela municipalidade, que resolveu não fazer convites especiais.

Como se sabe, o monumento foi contratado e construído pelo hábil arquiteto e escultor italiano José Ravagnelli, que desempenhou o seu compromisso de modo a dar plena confirmação da sua perícia artística.

---

<sup>121</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 dez. 1889, p. 2

<sup>122</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 15 dez. 1889, p. 1.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

É uma obra que reúne à condição da solidez uma apurada formosura de linhas e perspectiva.

De esperar é que o povo concorra à solenidade inaugural, para que ela tenha a devida imponência e o necessário realce.

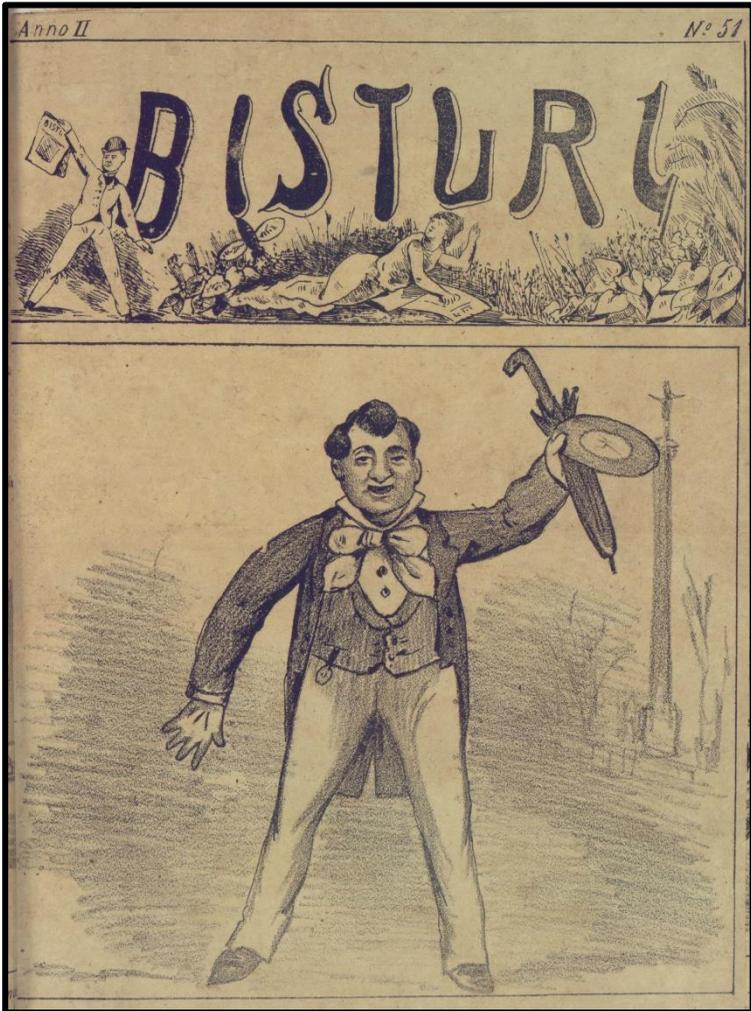
A inauguração será feita pelo honrado Presidente da Câmara Municipal.»

O *Bisturi* também encampou para si a função de convidar o público em geral para participar das atividades inaugurais do monumento, trazendo em sua capa, uma figura que representava o povo cidadão, em trajes domingueiros, chamando as pessoas para participar da solenidade. Além disso, apresentou também a matéria intitulada “Reportagens”, detalhando o ato comemorativo, sem deixar de lançar mão da jocosidade, de modo que, apesar de partes do texto estarem ilegíveis, mantinha a abordagem bem-humorada ao referir-se a uma suntuosidade do monumento.

«A ilustre edilidade concedeu-nos a honra de convidar ao público para comparecer hoje à inauguração da Estátua da Liberdade. Pede-se toda a simplicidade nos toaletes.<sup>123</sup>»

---

<sup>123</sup> BISTURI. Rio Grande, 15 dez. 1889, p. 1.



«Reportagens<sup>124</sup>

[ilegível] deve ter lugar a inauguração da *Estátua da Liberdade*, erigida no jardim da Praça Municipal.

[ilegível] é uma festa promovida pela ilustre municipalidade, deve ser uma [ilegível] verdadeiramente espaventosa.

[ilegível] estranhem leitores se verem hoje *Melo* ou o nosso colega *K. Brito* [ilegível] flor ao peito, pastinhas *pshutt*, [ilegível] de oleado com ourelas de seda [ilegível] em forma de lapiseira, *plastron*, (00000), sorriso nos lábios, todos [ilegível] e airoso, deitando medidas, [ilegível] em geral os braços as [ilegível] em particular aos empregados da [ilegível].

[ilegível] coagidos pelas forças das coisas [ilegível] assistirmos àquela festa nacional, [ilegível] boquiabertos contemplarmos a monumental *Estátua da Liberdade*, [ilegível] alto mérito artístico, e... na opinião do *Diário do Rio Grande*, *digno* [ilegível] em qualquer cidade.»

Realizada a inauguração do monumento, os jornais diários descreveram o ocorrido, com o *Artista* relatando os atos, sem deixar de lado sua reticência quanto à estátua; ao passo que o *Diário do Rio Grande* optou por uma abordagem mais descritiva; enquanto o *Eco do Sul* expressou uma perspectiva elogiosa acerca do desencadear dos atos inaugurais.

---

<sup>124</sup> BISTURI. Rio Grande, 15 dez. 1889, p. 3.

«A Coluna da Liberdade<sup>125</sup>

Foi inaugurada ontem a coluna que, por subscrição pública e iniciativa da Câmara, foi levantada na Praça Municipal a fim de comemorar a abolição da escravidão.

Não assistiram à solenidade nenhum dos Srs. vereadores, nem autoridades civis ou militares.

Foi, no entanto, muito numeroso o concurso popular que acudiu a presenciar o ato da inauguração.

O Sr. Daniel Vaughan, honrado Procurador da municipalidade, foi quem descerrou a cortina da estátua assente na coluna e declarou inaugurado o monumento, levantando em seguida vivas à República Federal, e ao povo do Rio Grande.

O Sr. Ser, estimável súdito francês há muitos anos residente nesta cidade, ergueu também vivas à República Brasileira, ao Governo Provisório e à prosperidade do Estado do Rio Grande.

Pronunciou uma entusiástica alocução, festejando a solenidade, um inteligente menino, filho do Sr. José Alves de Campos Júnior, distinto funcionário da municipalidade.

Todas as saudações foram secundadas estrepitosamente pela massa popular, queimando-se uma girândola de foguetes e tocando a banda musical do 12º batalhão a *Marselhesa*.

Na base da coluna estão gravadas as seguintes inscrições, uma em cada uma das faces: Fraternidade - 15 de Novembro de 1889 / Liberdade - Humanidade - 13 de Maio de 1888 / Igualdade - Estatuário construtor - José Ravagnelli.

---

<sup>125</sup> ARTISTA. Rio Grande, 16 dez. 1889, p. 2.

Abstemo-nos de emitir opinião sobre o merecimento artístico do monumento, porque tivemos já ocasião de exprimir o que pensamos, e outros o farão com mais competência, e o público, afinal, decidirá em última instância.

Mas aplaudindo embora a intenção que animou os iniciadores da obra, não podemos neste momento deixar de lamentar que, tendo principiado mal, viesse aquele tentame a concluir tão desastrosamente.»

«Inauguração<sup>126</sup>

Anteontem à tarde foi inaugurado o monumento comemorativo da Lei de 13 de Maio e da proclamação da República.

Presidiu o ato o Sr. Daniel Vaughan, Procurador da Câmara Municipal, que se absteve de comparecer, alegando estar dissolvida por ato do Governador do Estado.

É banal o protesto.

Se os camaristas não haviam ainda feito entrega à comissão municipal, que circunstância os impedia de comparecer a um ato de caráter oficial e por eles iniciado?

O que parece é que os camaristas exonerados não receberam bem a resolução do chefe do Estado.

Afinal de contas, a Câmara acabou como viveu – impopularmente.

Assistiu à cerimônia uma banda de música e imensa quantidade de povo.

---

<sup>126</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 17 dez. 1889, p. 2

Duas grandes girândolas subiram ao ar na ocasião de descerrar-se a estátua e de terminar o ato.

O local do monumento estava todo embandeirado.

O hábil artista Sr. Ravagnelli foi muito felicitado pelo seu belo trabalho.»

«Pequenas reportagens<sup>127</sup>

Realizou-se anteontem, às 5 horas da tarde, o ato da inauguração do monumento comemorativo da áurea lei de 13 de Maio.

A solenidade deveria ser celebrada pelo Sr. Vereador Presidente da municipalidade, mas tendo pouco antes recebido notícia de que a corporação municipal fora dissolvida pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, incumbiu-se da cerimônia o Procurador do Câmara Sr. Daniel Vaughan.

À hora acima indicada, esse funcionário compareceu no local da inauguração, onde se achava o Sr. Giuseppe. Ravagnelli, que havia disposto o necessário para descobrir a estátua.

Uma banda militar, a do 12º batalhão, estava ali postada, e logo que o funcionário municipal declarou o monumento inaugurado e levantou vivas à República, ela tocou a *Marselhesa*, subindo por essa ocasião aos ares várias girândolas.

Um menino, filho do Sr. Fiel do Procurador Campos Júnior, pronunciou um discurso alusivo ao acontecimento, terminando por vivas que foram correspondidos pelo povo.

---

<sup>127</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 dez. 1889, p. 2.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

A concorrência pública foi numerosa.

O monumento é compósito; consta de uma coluna com um fuste de 10 metros assente sobre um elegante pedestal de 4,50 metros de altura, sendo encimado por um belíssimo capitel em que se entrelaçam folhas de acanto, emoldurando quatro caras indígenas.

Sobre o capitel pousa a estátua da Liberdade, arrogante figura de 3,40 metros, tendo na destra um fragmento de cadeia, na atitude de quem acabou de parti-la; na sinistra empunha um estandarte, que flutua ao vento.

Esta estátua foi esculpida à mão no lugar em que se acha, e, de qualquer ponto que seja contemplada, exhibe uma grande harmonia de linhas, desassombradamente lançadas. Na posição em que se acha, olha para o rio.

Em seu conjunto, bem como em seus detalhes, este monumento constitui uma verdadeira obra de arte, e neste sentido faz honra ao hábil e inteligente artista que o executou, o Sr. Giuseppe Ravagnelli.

Da base à cúspide tem 19 metros de altura.

Em cada face do pedestal há uma inscrita em mármore. Uma diz 13 de Maio de 1888 - Igualdade; outra: 15 de Novembro de 1889 - Liberdade; a terceira Humanidade; e, finalmente, a última Fraternidade.

O Sr. Ravagnelli empregou três meses a concluir este trabalho, o primeiro em seu gênero nesta cidade.

O inteligente artista foi felicitado por numerosas pessoas e diremos que essas felicitações foram merecidas, porque o seu trabalho é realmente uma obra que vale por um atestado irrecusável de talento e apurado bom gosto.

O Sr. Ravagnelli deve partir hoje para Pelotas, onde, segundo nos consta, pretende construir um monumento para o qual já desenhou os necessários planos.»

Na manutenção de seu conteúdo crítico-opinativo e humorado, o *Bisturi* apresentava as novidades citadinas, com ênfase para a inauguração da Coluna da Liberdade, voltando a demarcar ironicamente a suntuosidade do monumento, ao mesmo tempo em que tratava os atos inaugurais com escárnio.

«O que há de novo?»<sup>128</sup>

[ilegível] mais atraiu a curiosidade [ilegível] durante a semana, foi a inauguração [ilegível] da *Estátua da Liberdade*.

[ilegível] festa de cerimônia, em que as [ilegível] para mais de 10 mil pessoas de [ilegível] sexos e de todas as cores, [ilegível] e patente às vistas [ilegível] que se retiraram satisfeitas e [ilegível] de contemplarem, por [ilegível] tanto esplendor e tanta [ilegível] arte, tanto engenho e luxo [ilegível] em uma coluna erguida para comemorar duas datas faustosas, 13 de Maio e 15 de Novembro.

[ilegível] desenhista apresenta hoje, em [ilegível] as suas páginas de caricaturas, a [ilegível] da tal *estátua*, que, nos perdoe a franqueza, que a *pouca vergonha* consentiu que fosse levantada no centro de nosso querido jardim municipal.

---

<sup>128</sup> BISTURI. Rio Grande, 22 dez. 1889, p. 6.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

Às 5 horas da tarde, debaixo de uma chuva miudinha e penetrante, deram começo ao trabalho da inauguração que consistiu em descobrirem a *estátua*, que se conservava enrolada em um sujo e esburacado fragmento de lençol.

Descoberta aquela *coisa*, o povo começou a fazer interrogações:

- O que é aquilo?
- Parece um anfíbio?
- É uma mulher com cara de leão?
- É uma múmia.

Finalmente, o ilustre Procurador da Câmara, para tirá-los daquele labirinto de dúvidas, bate palmas e declara em alto e bom som, com o dedo indicador assestado para o alto - Aquilo que vedes é a *Estátua da Liberdade*, que vem comemorar a áurea Lei 13 de Maio e o 15 de Novembro, terminando com um viva à República e ao povo brasileiro.

A banda que ali se achava postada, tocou a Marselhesa.

Um menino de 5 ou 6 anos, filho do nosso amigo e favorecedor distinto, Sr. Campos, honrado empregado da edilidade, pronunciou um longo discurso análogo ao ato, dando grande realce aquela festa puramente nacional.

Ao terminar, soltaram uma dúzia de foguetes e a música repetiu a Marselhesa.

A chuva engrossou seus pingos, e o público tratou de se pôr *a fresco*, deixando a pobre figura da *Liberdade*, no alto de uma esguia coluna sem um assento ou uma guarita onde pudesse refugiar-se das lufadas do aguaceiro.

Pobre liberdade, nunca se viu tão presa como agora, nem tão cruelmente tratada.

Ainda se lhe deixassem o tal lençol para cobrir-se...

Agora é ter paciência, ninguém a mandou subir tão alto.»

Levando em conta a prática da crítica social e de costumes, a publicação ilustrado-humorística rio-grandina buscava demonstrar as limitações do processo abolicionista, ressaltando que as heranças escravocratas ainda se faziam muito presentes, caso do desenho que mostrava uma negra sendo seviciada, de modo a questionar a existência de um monumento estatuário que homenageava o fim da escravidão, ao passo que as mazelas advindas de tal regime ainda se faziam tão presentes.

«Ainda não está completamente abolida a escravidão e os bárbaros castigos a bolos nesta cidade, onde há poucos dias com música e foguetes inaugurou-se a Estátua da Liberdade!...<sup>129</sup>»

---

<sup>129</sup> BISTURI. Rio Grande, 22 dez. 1889, p. 4.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



Por meio da caricatura, o *Bisturi* trazia a imagem da Coluna da Liberdade da Praça Municipal, saudando-a e dando vivas ao “progresso e à nossa municipalidade”. A estátua aparecia bem mais próxima dos viandantes e apresentava feições grotescas. Ainda assim, a abordagem era elogiosa, com destaque para o fato de que tal “estátua mostra tanta moralidade”. O mote era a comparação com a figura feminina que aparecia “no chafariz da Praça S. Pedro”, a qual era considerada como indecente, por se tratar de uma representação estatuária que trazia a imagem de uma mulher desnuda, de certo modo inaceitável para os padrões morais da época<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> BISTURI. Rio Grande, 22 dez. 1889, p. 8.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



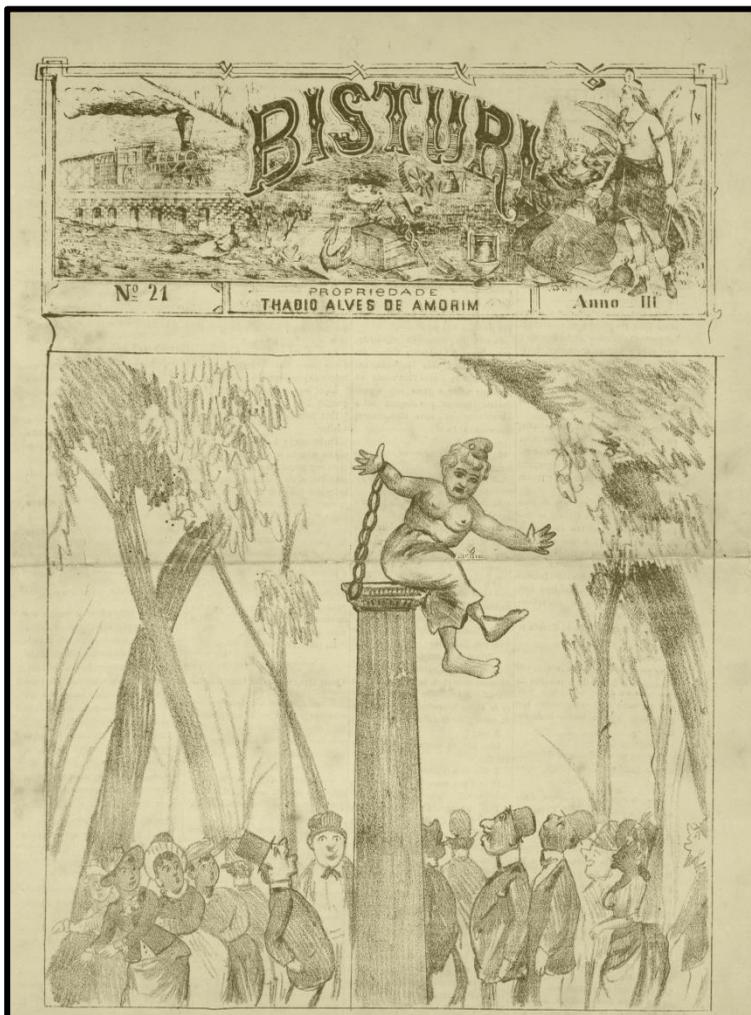
Já no ano seguinte, passados aproximadamente cinco meses da inauguração, a Coluna da Liberdade voltava a protagonizar uma capa do *Bisturi*, na qual a alegoria feminina ganhava vida - como só a representação caricatural poderia representar - e decidia descer do pedestal, em protesto pelo pouco caso que a comunidade dedicara à efeméride do 13 de Maio naquele ano de 1890.

«Pois os senhores, neste dia memorável e solene... nem sequer soltaram um foguete!?... e foi para isso que me botaram encima de um canudo tão cumprido, com esta pesada corrente presa ao braço, pois olhem senhores, 13 de Maio, por tal preço não quero o trono, venha uma escada, estou farta de tanta impostura<sup>131</sup>.»

---

<sup>131</sup> BISTURI. Rio Grande, 18 maio 1890, p. 1.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



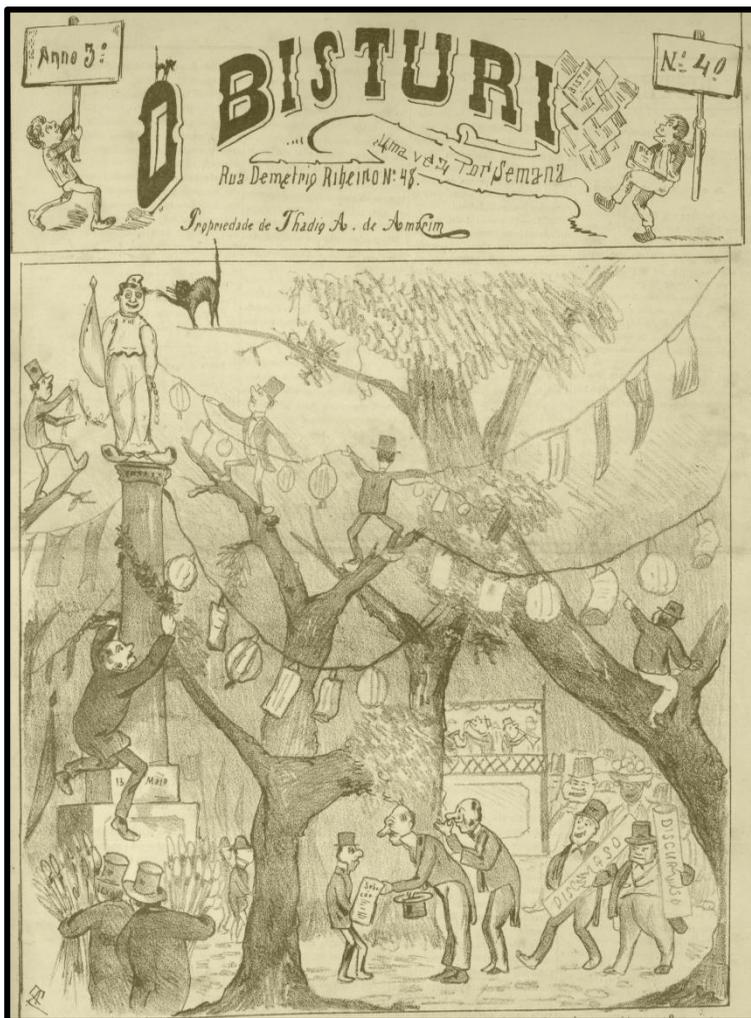
Quase um ano após a solenidade de lançamento da pedra fundamental, o *Bisturi* demonstrava que a Coluna da Liberdade já estava plenamente incorporada ao cenário urbano citadino. O momento era festivo, com vários cidadãos providenciando o embadeiramento da praça pública para comemorar mais uma promessa de melhoramento do acesso marítimo à localidade, por meio de sua barra. Apesar do espírito predominantemente comemorativo, havia certa desconfiança de que mais uma vez o projeto não viesse a se concretizar, e o semanário caricato deixava isso claro, com a presença de um gato preto – e toda a carga simbólica negativa atribuída a esse animal –, que arranhava a cabeça da figura feminina que compunha o monumento estatuário, a qual tinha à cabeça o barrete frígio, o que não correspondia à realidade, pois a mulher da estátua tem a cabeça descoberta, mas, mais uma vez o periódico apelava para o humor, tendo em vista a inclusão de última hora que fora imposta ao monumento para também homenagear a República e a insinuação dos desmandos político-administrativos e a malversação de verbas públicas.

«Futuros festejos na Praça Municipal em regozijo à abertura da barra! reina muito entusiasmo e muito dinheiro...<sup>132</sup>»

---

<sup>132</sup> BISTURI. Rio Grande, 21 set. 1890, p. 1.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS



O mau tempo reinante na cidade do Rio Grande em outubro de 1891 serviu de mote para que a folha caricata cidadina mostrasse de forma exagerada os malefícios que as chuvas e os fortes ventos teriam acarretado à comuna portuária. Os problemas climáticos foram comparados a atividades demoníacas que teriam trazido vários prejuízos aos habitantes, à navegação e ao cenário urbano citadino, inclusive no que tange à Estátua da Liberdade, que teria sofrido uma ruptura. A queda da coluna não teria passado de uma tirada imaginativa do *Bisturi*, revelando mais uma vez sua má vontade para com o monumento, tanto que os demais jornais chegaram a se referir à forte chuva<sup>133</sup> e à ventania furiosa que reinaram na cidade, sem qualquer menção aos incidentes ocorridos quanto às construções, de modo que o periódico ilustrado ocupara-se chistosamente das diabruras advindas das intempéries<sup>134</sup>.

«O diabo andou solto esta semana: o maldito habitante do inferno parece que desceu a estas regiões e... pintou com a humanidade.

Fez também uma excursão pelo mar, deixando o rastro lutuoso da sua passagem diabólica.

Em terra o infernal patife fez toda a sorte de desaforos, causando estragos incalculáveis...

Uma patrulha da nossa ativa polícia particular caiu, levada pelo vento sobre uma casa, deixando o telhado em mau estado.

---

<sup>133</sup> ECO DO SUL. Rio Grande, 17 out. 1891, p. 2.

<sup>134</sup> ARTISTA. Rio Grande, 19 out. 1891, p. 2.

DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS

A “Santa-Cruz” quebrou!!! Isto vai mal!... já os ventos trazem ideias antirreligiosas! Onde iremos parar?!...

A chaminé da nossa casa... voou... não se sabe para onde... a Sra. Polícia procede averiguações...

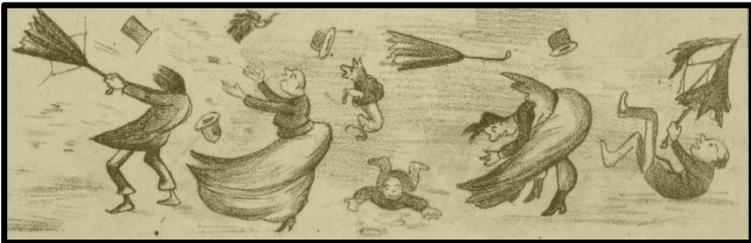
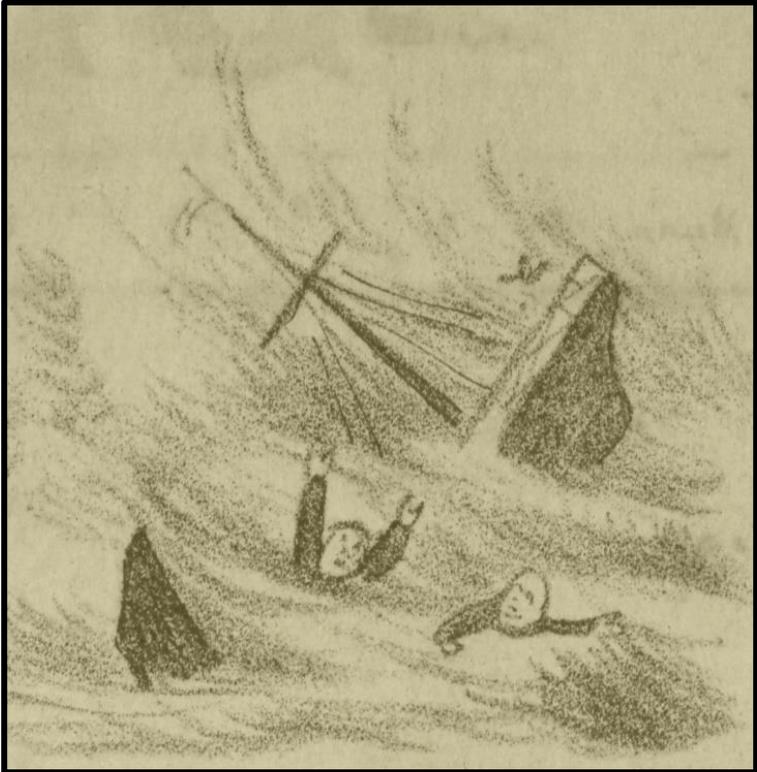
O Politheama andou assustado e com razão!... Apesar de ser despeito dos diaristas de pouca circulação... ele escorou-se todo e até hoje ainda não caiu... mas, sempre é bom cuidado. O público deve lembrar-se que não é agradável morrer esmagado!!!

A *primorosa* Coluna da Liberdade na Praça Municipal caiu a um sopro do maldito. Teria causado grandes estragos na desgraçada *Liberdade* se ela não se pegasse a um galho de árvore que encontrou no caminho.<sup>135</sup>»



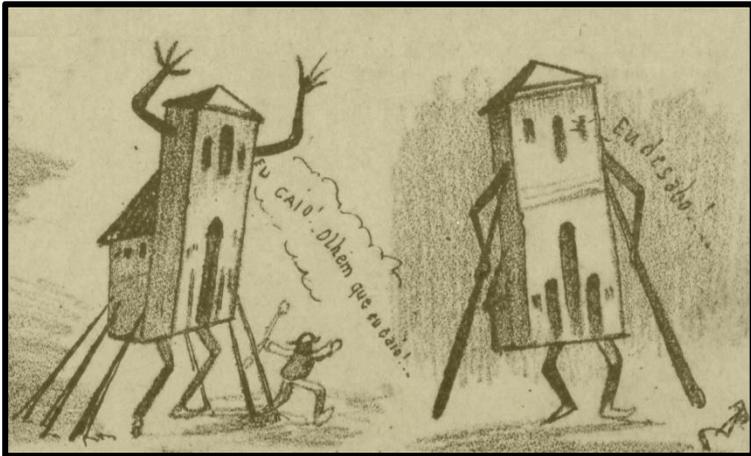
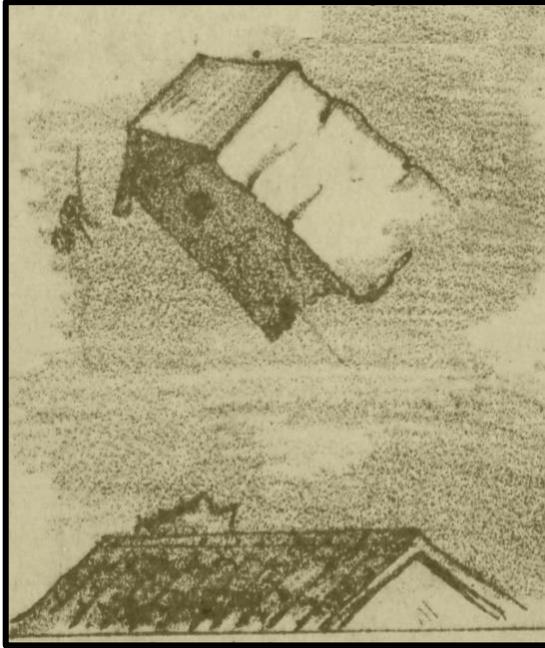
---

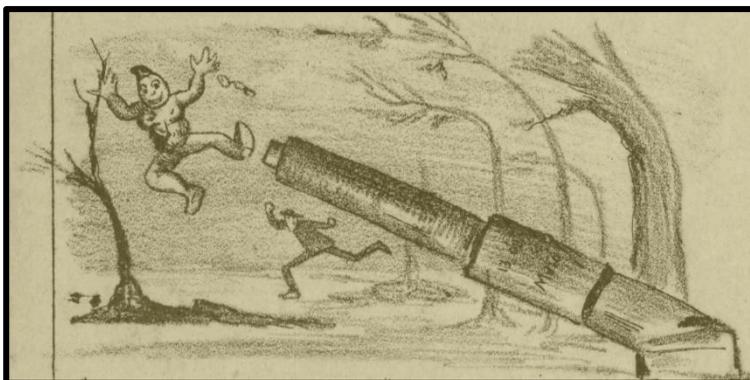
<sup>135</sup> BISTURI. Rio Grande, 18 out. 1891, p. 4.



DOIS ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA DA CIDADE DO RIO  
GRANDE: TEXTOS E IMAGENS







Assim, a Coluna da Liberdade tornou-se a peça inaugural da comuna portuária, que viria a ter vários outros monumentos, chegando a ser conhecida como a “cidade das estátuas”. Tal obra estatuária trazia consigo a tendência da celebração através de um monumento comemorativo em relação a um acontecimento memorável. Nesse sentido, o monumento tem a característica de ligar-se à busca pelo poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas, tornando-se um legado à memória coletiva<sup>136</sup>. O processo histórico que transcorreu da idealização ao erguimento de tal peça monumental foi marcado por uma série de contradições e idiosincrasias advindas da mudança na forma de governo. A imprensa cidadina, por meio de textos e imagens, reproduziu tal fenômeno, com os periódicos ainda traduzindo suas filiações/aproximações partidárias típicas da época imperial, mas tendo de se adaptar aos novos tempos republicanos, resultando em apreciações que tenderam a

---

<sup>136</sup> LE GOFF, 1994. p. 431 e 536.

desmerecer ou enaltecer a primeira estátua em lugar público da cidade do Rio Grande.



## COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



BIBLIOTECA  
**RIO-GRANDENSE**



ISBN: 978-65-5306-067-8